

17 Histórias baseadas em Lendas e Narrativas da Área Metropolitana do Porto

# *17 Histórias*

*baseadas em Lendas e Narrativas  
da Área Metropolitana do Porto*



área metropolitana do porto







## ***17 Histórias baseadas em Lendas e Narrativas da Área Metropolitana do Porto***

- 01: Arouca - Rego do Boi **6**
- 02: Espinho - A Bicha de Sete Cabeças **10**
- 03: Gondomar - O Lugar de Vale Flores **12**
- 04: Maia - O Santo Preto **16**
- 05: Matosinhos - O braço do Senhor de Matosinhos **20**
- 06: Oliveira de Azeméis - La Salette **24**
- 07: Paredes - A Nossa Senhora do Salto **28**
- 08: Porto - Os Tripeiros **30**
- 09: Póvoa de Varzim - S. Pedro de Rates - Santo, precisa-se! **34**
- 10: Santa Maria da Feira - A Vingança de Lia **38**
- 11: Santo Tirso - A Fonte da Maria Velha **44**
- 12: S. João da Madeira - Assalto à Fábrica Nova **48**
- 13: Trofa - A Luz da Cobraceira **54**
- 14: Vale de Cambra - O Tesouro do Outeiro dos Riscos **58**
- 15: Valongo - A Lousa que Adorava Viajar **62**
- 16: Vila do Conde - O Milagre de Berengária **68**
- 17: Vila Nova de Gaia - O Rei Ramiro e Mira Gaia **74**

## Ficha Técnica

Título: 17 Histórias baseadas em Lendas e Narrativas da Área Metropolitana do Porto

Site do projeto: [piamp.amp.pt](http://piamp.amp.pt)

Responsável pelo projeto: Ana Paula Abreu (AMP)

Coordenação geral: Renata Barbosa (ISMAI)

Coordenação científica: Fernando Paulino (ISMAI)

Coordenação técnica: Alexandre Sousa (ISMAI)

Editor: Área Metropolitana do Porto

Autor: Área Metropolitana do Porto

Co-autores (estudantes e docentes do ISMAI): Tânia Alves, Emanuel Cunha Marques, Renata Barbosa, Alexandre Sousa

Ilustrações: Pedro Brito

Capa e paginação: Tiago Cruz (ISMAI)

Impressão: Sersilito - Empresa Gráfica, Lda

Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0)

<https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt>

Ano de publicação: 2019

Projeto Norte-04-2114-FEDER-000149 - AMP Património Cultural

Co-financiado pelo:

Norte 2020

Portugal 2020

União Europeia Fundo Europeu de Desenvolvimento Regional

Depósito legal n.º 457001/19

ISBN 978-989-96291-5-8



área metropolitana do porto



UNIÃO EUROPEIA  
Fundo Europeu de  
Desenvolvimento Regional

# ***Introdução***

No âmbito do Projeto Norte-04-2114-FEDER-000149 - AMP Património Cultural foram criadas as dezassete histórias que constituem este livro, uma para cada município da Área Metropolitana do Porto, baseadas em lendas e narrativas selecionadas por cada um dos municípios. Estas histórias fazem parte do projeto PIAMP (recolha do Património Imaterial da AMP) e encontram-se igualmente disponíveis online em diversos idiomas no endereço <http://piamp.amp.pt>.

Se bem que as histórias tenham sido criadas com base em lendas e narrativas já existentes, como quem conta um conto acrescenta-lhe um ponto, nalguns casos as histórias aqui apresentadas afastam-se bastante da narrativa original ou representam uma interpretação alternativa.

O objetivo não foi realizar um trabalho antropológico e etnográfico de transcrição das lendas e narrativas da região. Esse trabalho já foi realizado, nalguns casos em maior detalhe, noutros de uma forma mais ténue (ver bibliografia). O que se pretendeu foi utilizando essas lendas e narrativas como matéria prima criar um conjunto de histórias onde se pudesse reconhecer a lenda ou narrativa original, mas que se afastariam mais ou menos da ideia inicial consoante essa ideia estava suficientemente detalhada para representar uma história coerente que pudesse ser convertida num conto, ou tinha lacunas significativas que necessitavam de ser preenchidas. Esperamos que os que conhecem a lenda ou narrativa não se sintam ofendidos com o resultado.

Seguindo o que tem sido prática corrente nos projetos mais recentes da AMP e o que é uma tendência internacional para a distribuição de material cultural livre, todos os materiais do projeto PIAMP são disponibilizados de acordo com a licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0), esta licença permite a criação de conteúdos derivados, inclusive para uso comercial.





## AROUCA REGO DO BOI

Há muito que se tinha perdido a conta de há quantos anos os habitantes da terra de Alvarenga tinham uma disputa com os do vale da Nespereira por causa do uso da água do rio Ardena, afluente do rio Paiva. Existia o acordo de que a água podia ser usada dia sim, dia não, por cada uma das freguesias. Só que quando uma freguesia ficava com água ao Domingo os seus habitantes tinham de trabalhar nesse dia para aproveitar a disponibilidade da água, o que os deixava insatisfeitos. Não servia de nada os mais conciliadores apontarem que na semana seguinte seria a vez dos outros sofrerem esse inconveniente, havia logo quem apontasse que ou tinha chovido mais, ou tinha chovido menos, pelo que a partilha não estava a ser equitativa. E ambas as freguesias queriam construir um moinho, mas todos achavam que não valia a pena o esforço se só iam poder usá-lo dia sim, dia não. Pode ser que alguém o tivesse pensado, mas ninguém se atreveu a propor que construíssem o moinho em conjunto e que ambas as terras o pudessem usar, seria pior que um crime de lesa-majestade essa convivência com o inimigo. Quase todos os meses eclodiam rixas relacionadas com o uso da água que normalmente acabavam com cabeças partidas.

Como para cada cinco nespereirenses só havia três alvarenguenses, os de Nespereira confiantes na sua maior quantidade de braços e no melhor declive do rio face às suas terras, um belo dia de verão enviaram uma delegação a Alvarenga com uma nova proposta de acordo. Com falinhas mansas sugeriram que, para acabar de vez com a disputa, a água devia passar a pertencer em permanência a uma das freguesias. Propuseram que a escolha fosse por mérito, a terra que primeiro construísse um rego e um moinho capaz de andar com a água do rio ficaria com a posse da água. O líder da delegação de Alvarenga aceitou sem protestar, para grande surpresa dos restantes alvarenguenses que acharam que a proposta não era leal nem razoável. Pois, se havia quase o dobro de braços

do lado dos nespereirenses e se a inclinação lhes era favorável, como é que os alvarenguenses iam ter hipótese de ganhar? - Não se preocupem, - retorquiu o líder mal os nespereirenses se retiraram, - está muito calor e eles acham que já ganharam, e isso vai ser a sua perda.

No dia seguinte, ao raiar do sol, um grupo de nespereirenses começou a cavar o rego enquanto outro começava a construir o moinho. Do seu lado da encosta viam o local onde os alvarenguenses teriam de construir o seu rego e para sua surpresa, a manhã foi avançando e do lado de Alvarenga só se via uma mulher a fiar. Fora isso não apareceu vivalma. A mulher de vez em quando mudava de posição, desentorpecendo as pernas indo sentar-se a seguir numa pedra mais à frente, mas fora isso, nada acontecia do lado de Alvarenga. Quando o sol atingiu o pino, os nespereirenses resolveram ir descansar, deixando somente um vigia para ver se os alvarenguenses apareciam. Os nespereirenses voltaram depois do almoço, mas a tarde foi quente pelo que o trabalho avançou lentamente. Sabiam que tinham a vantagem do seu lado, embora não percebessem porque é que Alvarenga tinha aceite a proposta e depois desistia sem dar luta.

Ao escurecer, pararam de trabalhar e foram descansar. No dia seguinte, cientes da vantagem, levantaram-se tarde e já a manhã ia a meio quando foram trabalhar no rego. Aí viram quase toda a gente de Alvarenga a trabalhar no rego. A mulher que no dia anterior parecia fiar, na verdade era um homem disfarçado e tinha estado a passar um fio a marcar o caminho por onde o rego devia passar de modo a evitar os percursos mais difíceis. Os alvarenguenses tinham descansado durante o dia e à luz de archotes, tinham trabalhado a noite toda. A meio da manhã o rego já estava quase pronto. Os nespereirenses assustaram-se e perceberam que tinham sido enganados, mas concluíram que ainda tinham a vantagem do seu lado, porque ainda faltava construir o moinho,

e como eles eram em maior número e já tinham a construção do seu moinho encaminhada, acharam que iam conseguir recuperar do atraso. Nenhum deles foi almoçar e todos trabalharam arduamente, concentrando-se em acabar o seu rego, o que aconteceu ao princípio da tarde. Foram então todos ajudar na construção do moinho, que avançava a bom passo quando, de repente, ouviram uma grande algazarra e muitas palmas do lado de Alvarenga. Sabiam que era impossível os alvarenguenses terem construído um moinho em tão pouco tempo. Foram ver e deparou-se-lhes um rodízio com uma mó assente numa grade de ferro, fazendo com que a água que escorria do rego fizesse mover a mó. Aí perceberam porque é que o líder dos alvarenguenses tinha insistido que o acordo fosse “a água fica a pertencer à terra que primeiro construir um rego de água do rio Ardena que faça mover uma mó” em vez de “a água fica a pertencer à terra que primeiro construir um rego de água do rio Ardena que alimente um moinho que moa grão”, sob pretexto que havia muitos tipos de moinhos, com e sem lugar para armazenar cereais, e assim era mais fácil verificar quem tinha acabado primeiro. Nesse momento, os nespereirenses perceberam que o acordo nada dizia a respeito do moinho moer, só era necessário que a água movesse a mó.

Aí souberam que tinham perdido e ainda pensaram em protestar, mas sabiam que não tinham hipótese. Um monge tinha reduzido o acordo a escrito, com uma cópia para cada uma das partes, e embora a maioria não soubesse ler, sabiam o que lá estava escrito e sabiam que o que estavam a ver cumpria à letra os termos do acordo. Desanimados, foram-se embora cientes que a partir de agora iriam ter de pagar a Alvarenga cada vez que quisessem ter acesso à água.

Essa noite, em Alvarenga, foi de festa. Mataram um boi e todos se deliciaram com a refeição. À meia noite já nada restava do boi. Aí resolveram chamar ao rego - Rego do Boi -, em lembrança desse dia.

No dia seguinte começaram a construir um moinho de rodízio, com uma única mó, usando xisto nas paredes e cobrindo-o com ardósia. Depois dele estar construído resolveram fazer mais moinhos no alinhamento da encosta de modo à água do primeiro moinho cair diretamente para o moinho a jusante. Desta forma construíram vinte moinhos, todos eles alimentados pela água do rego do boi.









## ESPINHO A BICHA DE SETE CABEÇAS

Um dia, há muito muito tempo, lá para os lados de Silvalde, trabalhava no campo uma senhora de seu nome Maria. As terras que Maria lavrava e semeava ficavam junto ao Rio da Presa, mesmo juntinho à velha ponte dos arcos em pedra. O rio tinha muitas presas que alimentavam os moinhos que existiam nas suas margens. Alimentava os moinhos na sua incansável tarefa de moer os grãos de milho, mas alimentava também a terra sequiosa de Maria donde ela tirava o seu sustento. Todos os dias Maria cavava e semeava a terra que tinha. Saía pela alvorada e até ao pôr-do-sol trabalhava a terra, incansável.

Num desses dias, estava ela a empunhar a enxada vigorosamente quando viu surgir na sua direção uma bicha jamais vista, de muitas cabeças e intenções pouco claras. Assustada, Maria correu fugindo por entre os campos à procura de abrigo. Gritava, alertando todos por onde ela passava, exortando-os a protegerem-se e assim, corria ela, corriam todos os outros, espavoridos ainda bem sem saberem o porquê de tanto alvoroço, mas fugiam que isto de prevenir é mais seguro do que remediar. Chegada ao lugar onde vivia, contou o que tinha visto: uma grande bicha de cabeças muitas. Os aldeãos em sobressalto não sabiam o que fazer e decidiram montar guarda, que isto de adormecer com tal bicha à solta, não era coisa sensata. Mas o cansaço da espera venceu-os e, embora mais perturbados e inquietos do que nos outros dias, acabaram por render-se ao sono. De repente, já altas horas da noite irrompeu um alarido de animais. Eram balidos, eram cacarejos, eram latidos. Todos os animais berravam nas suas respetivas línguas, sobressaltados de medo.

Os aldeãos acorreram aos currais e capoeiras a tentar identificar a razão de tanto alvoroço e aterrados descobriram os seus animais degolados, esventrados numa amálgama de entranhas e sangue. Pedacos para um lado, pedacos para o outro, mortos ou agonizantes.

Decidiram então entre eles que um ficaria de vigia até à alvorada e, com o nascer do sol decidiriam em conjunto o que fazer. Tarefa nobre e

perigosa essa a do camponês escolhido, de seu nome Celestino, mais a mais que, nesta hora de aflição a todos vinha à memória o que Maria havia contado. Combinaram que se algo de novo acontecesse, Celestino, de vigia, tocaria uma corneta para chamar toda a gente a acorrer.

Estava o dia quase a raiar quando se ouviu a corneta. De um salto toda a aldeia se levantou para acorrer à chamada. Celestino pôde então contar que, enquanto vigiava o sono alheio, tinha avistado a bicha de cabeças muitas, e que com muito medo mas muita determinação lhe tinha batido com um ancinho. A bicha, que não contava com tão corajoso oponente, fugiu, espavorida, em direção à floresta, destruindo campos e hortas por quantos passava.

Os aldeãos deitaram a mão a tudo o que encontraram e armados de paus, foicinhas, enxadas e ancinhos percorreram os campos em batidas à procura da bicha. Dia e noite procuraram nos campos e veredas, em cada horta, cada recanto da floresta, cada bouça, até que numa tarde lúgubre de cinza, em que a morrinha caía até se entranhar nos ossos dos camponeses, tão fundo quanto o próprio medo, a encontraram. Fugiram alguns, mas outros armaram-se de coragem e golpearam-na com determinação e força. Julgando-a morta, um dos camponeses aproximou-se da bicha e foi logo ferido de morte no pescoço. Retomados de coragem atiraram-se a ela com redobrada força até que a mataram de vez.

Cortaram-lhe as cabeças que contaram de sete e enterraram-na numa cova que fizeram junto a um dos pilares da ponte velha e ali mesmo construíram uma capelinha para celebrar a vitória. Com o passar do tempo o rio, que na altura levava muito mais água, levou também a capela e no seu lugar colocaram uma placa de madeira com o desenho da bicha e das suas sete cabeças. Só muito mais tarde foi construída uma placa em azulejo a contar a luta destes corajosos camponeses com a temível bicha de sete cabeças.







## GONDOMAR

### O LUGAR DE VALE FLORES

Na rua principal de um pequeno Lugar morava um casal ainda jovem. Antes de se casar ele namorava com outra moça, porém bastou-lhe conhecer Mariana a sua atual esposa para acabar tudo com a antiga namorada. Depois de um período adequado de namoro casaram-se e ao princípio foram muito felizes.

A vida era bastante dura naqueles tempos, ambos se tinham de levantar antes do sol nascer e trabalhavam muito durante o dia. Um dia, Mariana acordou e notou que o marido tinha desaparecido. Viu-o voltar já perto do amanhecer, carregado de pó e suor, mas com as roupas limpas. Interrogou-o, mas ele não se lembrava de nada. Como confiava nele Mariana preocupou-se, mas não se zangou. No dia seguinte nada se passou. Poucos dias depois voltou a acontecer, Mariana acordou e viu o lugar na cama vazio. Não era fácil para Mariana, exausta das lides do dia a dia, ficar acordada a ver se, ou quando, o marido se levantava. Acabou por detetar um padrão, as ausências aconteciam sempre às terças e quintas-feiras. Fez então um enorme esforço e numa terça-feira forçou-se a ficar acordada ao lado dele a ouvi-lo respirar, profundamente adormecido. Mas o cansaço era demasiado e acabou por adormecer. De manhã ele estava ausente, voltando mais uma vez um pouco antes do nascer do sol, sujo de pó, mas com as roupas inexplicavelmente limpas.

Na quinta-feira seguinte Mariana arranjou forma de passar pelas brasas à hora do almoço, de modo a que à noite, conseguisse controlar melhor o sono. Ficou em silêncio ao lado dele e desta vez não adormeceu. Mal tocaram as badaladas da meia noite viu-o levantar-se, tentou falar com ele, mas ele parecia em transe e não lhe respondeu. Vestiu-se rapidamente e saiu de casa, Mariana fez o mesmo e seguiu-o. O marido dirigiu-se ao pinheiro mais alto das redondezas, trepou ágil como um felino por ele acima, logo ele que era tão trapalhão a trepar ao que quer que fosse e, no cimo da árvore, despiu-se e pendurou no cocuruto as

roupas que trazia vestidas. Completamente nu desceu rapidamente e foi até ao local onde se realizava a feira semanal, espolinou-se no chão e logo se transformou num cavalo. Partiu a toda a brida, mas não sem antes Mariana ter reconhecido o cavalo como sendo um que no dia da feira tinha estado exatamente naquele sítio. Conforme Mariana já o estava a adivinhar, às terças e quintas-feiras o seu marido transformava-se no animal que na feira anterior tivesse estado naquele local, e depois, embora ninguém o conseguisse acompanhar, durante toda a noite percorria as sete estradas reais. Só voltava imediatamente antes do amanhecer, e mal se aproximava da árvore voltava a assumir a forma humana. Às vezes o animal em que se transformava era mais pesado e lento, pelo que não conseguia chegar a tempo a casa antes do amanhecer e transformava-se de volta num ser humano, aparecendo nu e sujo no meio do povoado. Por esta razão o povo começou a vislumbrá-lo e, os mais velhos que conheciam o encanto, disseram que o marido da Mariana estava a “correr o fado”.

Mariana quando soube que era conhecido e até tinha nome o mal de que padecia seu marido, foi tentar encontrar quem conhecesse forma de o curar. Disseram-lhe que existiam duas maneiras de quebrar o encantamento. Uma delas era subir ao pinheiro, retirar as roupas, e queimá-las totalmente, não podendo restar um único fragmento das roupas. Ela fez isto, mas sem sucesso. A outra maneira era mais perigosa, consistia em ferir sem o matar o animal em que ele se tinha transformado. Mariana também o tentou, mas os cavalos eram rápidos demais e não se conseguia aproximar. Acabou por convencer um amigo a durante a feira deixar um burro no local onde o marido se espolinhava, e dito e feito, desta vez conseguiu aproximar-se o suficiente para com uma faca ferir o burro no flanco. Mas o resultado foi o mesmo, o encanto não se quebrou, e o marido ficou com um corte na coxa.

Mariana não desistiu. Acabou por descobrir que havia uma bruxa que tinha fama de ser a mais poderosa das redondezas e que talvez tivesse a solução. Foi visitá-la, pagou-lhe, e pediu que livrasse o marido do feitiço. A bruxa olhou para ela e disse-lhe: “Fui eu quem o encantou, a pedido da sua antiga namorada, na altura em que vocês se casaram. Só eu sei como quebrar o encantamento, os remédios que conheces e que tentaste não funcionam. Para que ele deixe de “correr o fado” tens de atapetar com flores de vários tipos e cores, o chão desde o local onde ele vai buscar as suas roupas até à entrada da tua casa. Se ele percorrer esse caminho sem tocar com os pés no chão o encantamento quebra-se”.

Eles eram pobres, e Mariana não sabia como ia conseguir arranjar tantas flores. Não havia flores silvestres em quantidade suficiente na região a não ser na quinta do fidalgo da terra, e ele era conhecido por ser avarento e ávido de ouro. Sendo assim Mariana colocou ao pescoço o seu cordão de ouro, que a mãe lhe tinha oferecido como prenda de casamento, e foi à quinta, pedindo para falar com o fidalgo. Ele acabou por recebê-la, e mal viu o que ela trazia ao pescoço, sem sequer a deixar falar perguntou-lhe “Quanto vale? O que queres por ele?”, ao que ela respondeu “Vale flores, meu senhor”.

Aproveitando a oportunidade o fidalgo pediu aos seus criados que colhessem as flores mais murchas que existissem nos seus jardins, e deu-as à Mariana. As flores para além de murchas eram poucas quando comparadas com o valor real do cordão de ouro, mas mesmo assim Mariana aceitou-as e usou-as para atapetar o caminho entre a árvore e a sua casa.

Desta vez o remédio funcionou, e o marido de Mariana deixou de correr o fado. Mas cá se fazem, cá se pagam, Deus não dorme e achou por bem castigar o fidalgo por se ter aproveitado da Mariana, passando a ser o fidalgo quem todas as terças e quintas-feiras tinha de ir “correr o fado”.



Desde essa data, o Lugar onde moravam mudou de nome, passou a chamar-se Lugar de Vale Flores.



## MAIA

### O SANTO PRETO

Nos tempos idos de 1790, três décadas depois da abolição do tráfico de escravos, por entre as doiradas searas de trigo, lá para os lados de Guilhabreu vislumbrava-se um belíssimo solar. Em contraste com a bucólica paisagem que o envolvia, vivia lá um tirano, fidalgo de modos rudes e palavras ácidas, um homem cheio de nada a quem o tempo apagou o nome.

Estava-se no primeiro domingo de junho quando o fidalgo, na sua rude prepotência, impôs aos criados que lhe encontrassem e trouxessem a mais bela donzela da região. Ao fidalgo de fracos costumes os criados temerosos levaram a mais humilde e delicada aldeã. De longas tranças, finas feições e tez imaculada, a frágil donzela apenas sentiu repulsa face aos arremessos sedutores do dantesco fidalgo. Na sua costureira falta de modos este, vendo-se repellido, rapidamente se mostrou rude e despido de qualquer escrúpulo encaminhando-a para os aposentos mais íntimos do seu solar, apostado em a tomar para si para seu belo deleite. A cada divisão que transpunha a frágil rapariga mais temia pelo seu destino e, ciosa da sua honra, num impulso solta-se das mãos do fidalgo e evade-se do solar procurando refúgio entre as espigas altas das ondulantes searas de trigo que logo a taparam, desaparecendo da vista.

O fidalgo, inundado de raiva, vendo a presa escapar-se-lhe e não sabendo por onde a perseguir ordenou a todos os seus criados que munidos de fachos atexassem fogo a vários pontos da seara para evitar que ela escapasse. Tanto era o medo que eles lhe tinham que executaram as suas ordens sem as contestar. Porém, um dos seus criados, um ex-escravo cujo nome era muito difícil de pronunciar pelo que era somente conhecido como o Preto, recusou-se a queimar o pão que a natureza lhe dava e a ceifar a vida à donzela que escapava da sua triste sina. Desta feita e num ato de valentia, o Preto apagou a sua tocha deixando sem fogo uma pequena parte da seara. Vislumbrando-a ao longe fez sinal à



donzela, ela que o conhecia e o sabia de nobres valores, confiou nele, e usou esse estreito corredor para escapar incólume se bem que com o cabelo chamuscado.

O fidalgo que a partir das janelas do solar acompanhava o desenrolar da operação, percebeu o que o Preto tinha feito. Vendo-se defraudado da vingança contra a infeliz donzela resolveu fazer do Preto um exemplo. E como a vingança se serve fria, o fidalgo disfarçou, fingiu que nada tinha visto, e ordenou ao Preto que lhe preparasse o cavalo pois desejava ir à feira da Sra. da Hora. O criado que apelidava o bruto de patrãozinho, acenou com a cabeça apressando-se a apetrechar o cavalo. Quando tudo ficou pronto, o patrão em tom sarcástico, anunciou ao Preto, que ele ia acompanhá-lo à feira. Ainda o Preto lhe estava a agradecer a distinção da escolha e já o vingativo fidalgo lhe colocava ao pescoço uma corda que prendeu ao cavalo. Incitando o cavalo num trote apressado fez-se ao caminho em direção à feira.

O Preto tentou acompanhar em corrida o rápido compasso do cavalo, porém, exausto e já sem forças deixou-se abater sobre o chão. A rudeza do chão semelhante à rudeza do fidalgo desmembrou-lhe o corpo em vários pedaços ao longo do caminho para a vila de Matosinhos. A população perante tão infame atitude, e reconhecendo o Preto por quem tinham afeição, lançou-se em perseguição do fidalgo, apanhando pelo caminho os restos mortais do pobre Preto, mas sem nunca conseguir apanhar o fidalgo. Destroçado lentamente a cada embate nas pedras do caminho, há muito morto, o Preto acabou por largar a cabeça ali por alturas de Gemunde. Foi nesse local que os populares ergueram a sua campa e enterraram os pedaços que tinham recolhido.

Em reconhecimento da sua valentia e da proteção que tinha dado à donzela, os populares de Gemunde e das vilas vizinhas começaram a dirigir-se em romaria à campa do Preto no aniversário da sua morte. De

Matosinhos vinham pescadores e peixeiras para lhe pedir proteção nas horas de tempestade. Não tardou muito a que lhe comesçassem a chamar de Santo Preto e que tentassem que a Igreja o reconhecesse como tal. Muitos foram os esforços para o tornar santo, mas, aos olhos da Igreja e do patriarcado nada havia de milagroso a atribuir ao africano e foi mesmo proibida qualquer expressão de devoção ao Santo Preto.

A população disfarçou e continuou com a devoção. Em Gemunde, todos os soldados, ou as famílias destes, antes de rumarem à Guerra Colonial, dirigiram-se em promessa à Campa do Preto, pedindo proteção antes de se dirigirem para África. Diz-se que o Santo Preto, tendo especial influência e capacidade de ser ouvido pelos espíritos da sua terra natal, os protegeu, e foi por isso que, ao contrário do que aconteceu nas freguesias vizinhas, a freguesia de Gemunde foi a única que escapou dessa guerra sem vítimas mortais.







## MATOSINHOS O BRAÇO DO SENHOR DE MATOSINHOS

Estamos na Palestina no ano de 33. Depois da crucificação, José de Arimateia e Nicodemos retiram Jesus da cruz. Depositam-no num túmulo escavado na rocha depois de lhe envolver o corpo com ligaduras de linho, perfumadas de mirra e aloé. José de Arimateia guarda consigo o cálice da última ceia, o Santo Graal, enquanto que Nicodemos guarda o Santo Sudário, o tecido que envolveu Jesus após a sua crucificação e no qual ficou reproduzido em sangue e suor todo o seu corpo, incluindo o rosto.

Nicodemos ficou muito impressionado com a expressão de Jesus. Não a querendo esquecer, e sendo bastante dotado para o trabalho manual, começa a esculpir em madeira uma imagem de Cristo crucificado, usando como modelo a imagem perpetuada no Sudário. É uma escultura em tamanho natural que demora bastante tempo a criar, com Nicodemos a esforçar-se por reproduzir todos os detalhes do corpo e expressão de Jesus. Deixa o rosto para o fim, mas quando termina a escultura Nicodemos sente-se insatisfeito com o resultado. Acha que algo lhe escapou da expressão que pretendia captar. Percebe também que é perigoso mantê-la consigo. Não tendo coragem de a destruir, fica sem saber o que fazer com ela, acabando por decidir durante a noite lançá-la ao mar Mediterrâneo.

Nicodemos não encontra descanso, continuando com a memória da expressão que tentou captar em madeira e não conseguiu. Acaba por decidir-se a tentar de novo e começa a esculpir uma nova escultura. Esta mais uma vez demora muito tempo a criar, com Nicodemos na fase final a tentar esculpir com minúcia quer aquilo que estava marcado no Sudário quer aquilo de que se lembrava. Acaba por ter de dar a escultura por terminada, mas o mesmo sentimento de insatisfação permanece. Por isso resolve confiá-la também às águas do Mediterrâneo.

Os anos vão passando com Nicodemos a tentar infrutiferamente

reproduzir a última expressão de Jesus nas esculturas que cria e que quando terminadas lança ao mar. Acaba por perder a conta de quantas fez, mas não desiste. Sente que se está a aproximar lentamente da essência da expressão. Por fim uma noite sente que sabe o que tem de fazer e com a impaciência que o agita resolve começar a esculpir o rosto antes de terminar o corpo. Trabalha a noite toda e pouco antes do raiar do dia tem nas suas mãos um rosto finamente esculpido com exatamente a expressão que pretendia. Mas nem tem tempo de se alegrar, nesse momento um amigo vem avisá-lo de que um destacamento de romanos o vem prender. Sem saber o que fazer, querendo a todo o custo proteger a escultura que por fim tinha conseguido concretizar e sabendo que não tem tempo para esculpir o braço em falta resolve cortá-la pelo ombro do resto do tronco de madeira de onde a estava a esculpir. A escultura tem as costas escavadas e côncavas e Nicodemos ainda tem tempo de esconder no seu interior os instrumentos que usou para a esculpir: tenaz, cravos, martelo, que não eram nem mais nem menos do que alguns dos instrumentos da Paixão e Morte de Jesus. Com a ajuda do amigo lançam a escultura à água. Preparava-se para fugir quando chegam os romanos que o acusam de sedição e o levam preso. Nicodemos é colocado numa cela à beira do Mediterrâneo. Acaba por conseguir subornar um dos guardas para que lhe arranje um bloco de madeira. Usando uma pedra e infinita paciência esculpe de memória o braço em falta, atira-o para o mar através da pequena janela, dando-lhe a indicação de se juntar ao resto da escultura.

As esculturas lançadas ao mar ao longo dos anos navegam ao sabor dos ventos, ondas e tempestades. A primeira aporta a Berito na Síria (atual Beirute no Líbano), a segunda a Luca em Itália, a terceira a Burgos em Espanha, a quarta a Orense na Galiza, a quinta a Arenas em Málaga. Outras aportam a paragens mais distantes ou são engolidas por

monstros marinhos. Mas a última, aquela a que lhe falta um braço, a mais bela e perfeita e a que melhor reproduzia a efígie de Cristo cruza o estreito de Gibraltar, sulca o Atlântico, e acaba por em 3 de maio de 124 aportar na praia do Espinheiro junto ao lugar de Matosinhos, no dia do Espírito Santo ou Pentecostes. A população da zona era cristã, em consequência de uma festa de casamento ocorrida 80 anos antes.

Voltemos um pouco atrás. Tudo começou quando em 44 o apóstolo Santiago regressou à Palestina após ter estado a pregar no noroeste da Península Ibérica, o local mais afastado do mundo então conhecido. Mal chega à Palestina é capturado por Herodes Agripa que de imediato o manda decapitar. Alguns dos seus seguidores recuperam o corpo e decidem transportá-lo por mar para repousar na sua área de evangelização. A embarcação apanha ventos favoráveis e em 7 dias já atravessou o Mediterrâneo, entrou no Atlântico e está a passar ao largo da praia do Espinheiro no lugar de Bouças (designação até ao início do século xx do atual concelho de Matosinhos). Ora acontece que Cayo Carpo, grande senhor romano da região, tinha exatamente escolhido essa praia pela sua vastidão e largueza para festejar a sua festa de casamento. Durante as festividades o noivo desafia os restantes cavaleiros para uma corrida invulgar: venceria aquele que penetrasse mais longe mar adentro. Rapidamente Cayo Carpo se destaca dos restantes competidores, para sua grande surpresa o seu cavalo avança sobre as águas sem se afundar, a sua montada atraída pelo barco que transporta o corpo do apóstolo Santiago. Chegado ao barco a tripulação explica-lhe que são cristãos e que estão a levar o corpo do apóstolo para Iria Flavia na Galiza onde o pretendem enterrar num bosque onde Santiago gostava muito de meditar, bosque esse que mais tarde será chamado de Compostela. Perante o milagre do seu cavalo ter conseguido caminhar sobre a água, e ouvindo as explicações e os ensinamentos dos tripulantes do barco, Cayo Carpo



converte-se de imediato ao cristianismo. Explicam-lhe que terá de ser batizado e que para isso terá de mergulhar. Ele assim faz e juntamente com o cavalo mergulha no mar enquanto a embarcação segue caminho. De terra todos o vêm desaparecer e a noiva fica inconsolável julgando-o afogado. Eis quando de repente aparece de novo, ele e o cavalo cobertos de conchas vieiras. Por causa disso passam a chamá-lo de “matizadinho” (matizado de vieiras) e a praia muda de nome para ser a praia do matizadinho (muitos séculos mais tarde virá a ser a praia de Matosinhos). Os que o viram chegar são e salvo perante caso tão espantoso e nunca visto resolvem converter-se também ao cristianismo.

Voltando a 3 de maio de 124, quando a escultura chega à praia e é recolhida todos ficam espantados com a sua beleza, mas vendo que lhe falta um braço, procuram-no na praia nesse dia e seguintes mas ele não aparece. Resolvem então mandar fazer um braço aos melhores artífices e carpinteiros. Fizeram várias tentativas, mas nenhum braço encaixava de forma perfeita no ombro amputado, para além de destoarem demasiado face ao outro braço. Acabam por desistir e deixar a escultura sem braço, guardando-a no Mosteiro de Bouças e passando a chamá-la de Bom Jesus.

Entretanto o braço não parou de navegar, procurando em vão por sinais da escultura a que pertencia. Encontrou algumas das outras, mas todas possuíam ambos os braços. Navegou durante mais de uma centena de anos, até que um dia resolveu descansar e recuperar forças na praia de Matosinhos. Estávamos em 174, deambulando pela praia uma mulher que estava a recolher lenha para a lareira apanha o braço. Regressando a casa coloca-o na lareira juntamente com a restante lenha mas de imediato o braço com um estoiro salta para fora. Ela volta a colocá-lo na lareira e ele volta a saltar. Nesse momento a filha, que era muda de nascença, começa de repente a falar. Em voz

entrecortada diz que é o braço perdido do Bom Jesus guardado no Mosteiro de Bouças.

Assustada com o milagre da filha começar a falar a mulher consegue, no entanto, arranjar coragem para embrulhar o braço num tecido e ir de imediato acompanhada da filha a Bouças. Os monges ouvindo a história, ao princípio, ficam incrédulos, mas resolvem experimentar e o braço encaixa perfeitamente, de tal forma que depois de colado deixa de se poder distinguir qual era o braço em falta.

Passam-se muitos séculos. Em 1559, com o mosteiro já em ruínas e a igreja de Bouças em completa decadência os habitantes decidem construir um novo templo que condignamente albergasse a imagem do Bom Jesus. Para decidir o local a imagem do Bom Jesus é colocada no dorso de um burro e o animal é colocado em marcha em direção a Matosinhos, isto porque Matosinhos estando junto ao mar e à foz do rio Leça, crescia de importância e dimensão pelo que os habitantes acharam que era melhor criar a nova igreja perto desse lugar. O burro começa a andar e acaba por parar num local perto de Matosinhos, se bem que ainda afastado da povoação. Obedecendo ao burro aí se começa a construir a igreja do Bom Jesus de Matosinhos. O prazo previsto eram quatro anos, acabaria por demorar vinte, nela está guardada a escultura a que agora se chama Nosso Senhor de Matosinhos.







## OLIVEIRA DE AZEMÉIS LA SALETTE

Ontem, domingo, D. Maria Valente havia já percorrido este caminho, acompanhando N. Senhora de La Salette ao seu lugar de repouso, onde pernoitaria por mais um ano.

Hoje a viagem custava mais a D. Maria Valente, por tantas vezes a ter percorrido durante a semana. A subida ao Monte Crasto, acompanhada da família tinha hoje um motivo diferente. Procurava um local no parque onde estender as mantas para o piquenique. Vinham à memória de D. Maria todas as vezes que o tinha feito com a sua avó que comandava os tios, os primos, os irmãos e os pais. Claro que se podia sentar nas mesas de pedra espalhadas pelo monte, mas ela queria sentar-se no chão, sentir de perto o cheiro intenso das ervas pisadas, sentir as raízes que teimosamente lhe tentavam atravessar as carnes, sentir as formigas que esfomeadas tentavam tomar parte no repasto. — A abundância de iguarias, deve ser partilhada com todas as criaturas vivas – dizia para si D. Maria. E em voz alta continuava, para quem a queria ouvir — Hoje os tempos são de abundância, mas nem sempre foi assim!

Há muito tempo, em 1870 uma seca pungente assolava Oliveira de Azeméis, aliás, assolava todo o país. As nascentes secas e a terra gretada indicavam a chegada apressada da fome e miséria como que em sentença a um país maioritariamente seco. Foi nesta devoção popular das gentes da região que, em suplício, pediam, nesse mês escaldante de julho de 1870, que N. Sra. de La Salette lhes atendesse à prece ‘ad pretendam pluviam’, que é como quem diz, lhes trouxesse chuva.

E acrescentava D. Maria Valente – Seguindo o Padre João José Correia, subiu-se ao cabeça do monte Crasto. A procissão organizada em penitência subiu em oração ao ermo e ali mesmo, onde hoje existe o santuário, começou a chover. Um milagre!

Este milagre, esta prece atendida, esta chuva que terminaria com o manto negro da fome foi logo associada à virgem e a ela devotaram e

ergueram a capela, construída entre 1871 e 1880, data em que a N. Sra. de La Salette deixa a Igreja Matriz que a albergava, para se dirigir para o seu ermo, o local de devoção que se viria a revelar popular em todo país, atraindo visitantes das redondezas e do exterior, para venerarem e mostrarem agradecimento à Santa a quem deviam a água da vida.

D. Maria, todos os anos da sua vida, iniciava este ciclo de devoção. No primeiro domingo de agosto, lá se colocava ela em posição, num dos lados da interminável fila humana, de vela na mão para alumiar o caminho a N. Sra. de La Salette, nesta viagem entre o cabeça e a Igreja matriz, onde a imagem repousaria por uma semana. No silêncio da noite, a devoção parecia ainda mais forte, à luz tremeluzente dos milhares de velas empunhadas que ondulavam ao ritmo dos passos, percorrendo o caminho. D. Maria entoava os cânticos com devoção. Não se lembrava quando tinha sido a sua primeira vez, ainda pela mão da avó, que percorrera esse caminho. Mas a Procissão do Triunfo, no domingo seguinte, esse era o seu momento alto, não apenas porque todos festejavam o milagre ao som das fanfarras mas porque, finalmente se sentia serena, agora que a sua Santa podia voltar a casa, ao seu monte, à sua capela.

Hoje, segunda-feira das merendas, reunia à volta da sua manta do piquenique a família. Ia sorrindo para uns, saudando o dia a outros dos seus vizinhos que começavam a chegar com as suas famílias e iam tomando lugar na vizinhança, enquanto dispunha o repasto na manta de piquenique, não esquecendo de colocar no centro o grande tacho de estufado que desde madrugada começara a preparar. Não faltavam as garrafitas de vinho, as azeitonas, a salada de tomates doces e bem maduros pelo sol de agosto que tinha colhido ela na horta. E o pão, que nunca pode faltar numa mesa farta, símbolo da abundância trazido pelo milagre da chuva. Da cesta da merenda ia tirando mais isto e mais aquilo que colocava na manta. À volta, à medida que iam chegando, iam

escolhendo lugar os comensais da sua família que, com o apetite aberto por tanta fartura, petiscavam um pouco de tudo enquanto esperavam pelo prato principal. Entre acenos de aprovação, lá se ia perguntando pelo tio Manel, que agora estava melhorzinho, mas ainda não podia vir. - Que a Deolinda lá tinha entrado para a universidade! Contavam-se as histórias de muitos que já cá não estavam ou das traquinices dos mais velhos quando ainda eram petizes. E assim se foram esfumando as conversas.

Havia uma história que D. Maria Valente sempre tinha que contar neste dia, atçada pela filha: - Oh mãe, conte-nos lá como foi a contenda quando trocaram a imagem de N. Sra. de La Salette? - D. Maria, que de Valente não tinha só o nome acedia.

— Aquilo começou numa segunda-feira das festas de La Salette, lá para o ano de 1969. Foi dado o alarme que o Padre Salgueiro ia vender os pastorinhos do andor. - E então duas senhoras, que moravam acolá no Calvário, e um senhor vieram e disseram-me: - Oh Maria, tu não queres vir com a gente a La Salette falar. Deixa-se roubar os nossos pastorinhos? - então eu disse, - Estou disposta para isso!

— Mas, diga mãe, desapareceu o andor e colocaram a imagem na lateral da Igreja e queriam vender os pastorinhos?

— Sim. E fizeram um painel de cimento pintado a purpurina para parecer bronze, com a N. Sra. e os pastorinhos e uma vaca, ou boi. Nós andámos e lutámos, lutámos sempre e depois ele tirou a N. Sra. e colocou-a em baixo ao pé do altar.

— E nós fomos lá e achámos que aquilo não era em condições de estar ali. Um painel daqueles ali na capela. E nem achávamos jeito à N. Sra. estar ali em baixo, onde muita gente ia, e quem estava ali à beira dela, levantava as saias para ver ..., para ver o ..., o que estava por baixo! E a gente achou que aquilo não era em condições.

Eu trabalhava e faltei muitos dias ao trabalho, quando era para ir ao Porto ao bispo. E nós fomos muitas vezes ao bispo ao Porto, contar e tratar de mudar as coisas. Para ver se ia tudo a bem! O bispo disse que tivéssemos calma, que fizéssemos as coisas com calma! Mas o Padre nunca dava acordo disso.

— Chamou-nos mulheres do monte, chamava-nos tudo quanto havia, mas nós nunca parámos, lutámos sempre. Eramos os quatro, tínhamos toda a gente, acho que não havia aqui ninguém que não fosse por nós. O presidente da câmara que era o Dr. Barbosa era por nós, e o filho foi o nosso advogado e indicou-nos sempre o que a gente havia de fazer.

O advogado disse-nos: — Vocês têm de arranjar quinhentas assinaturas de pessoas para a petição senão são presas. — Nós arranjamos mais de quinhentas pessoas, que isto foi no tempo do Salazar. Nós arranjámos para cima de duas mil. E levámos ao Bispo!

— Nós lutámos sempre. Quando ele, o padre, não dava o braço a torcer, a gente ia ao Porto, íamos às vezes duas vezes por semana ao Porto.

— Mas, a calma esgotou-se, e nós demos alarme. Alarme para quem quer que quisesse vir ajudar a destruir aquilo na La Salette. E assim foi!

— Às duas horas, porque a capela fechava ao meio-dia, e abria às duas. Com a capela fechada, a gente arrebenta com a fechadura e destrói aquilo. Assim foi.

— Olhem juntou-se, sei lá, um mar de gente, umas com machados, outras com picaretas, outras com martelos, outras com ... tudo. Tudo mulheres. Nós só tínhamos um homem no nosso grupo. E esse é que nos acompanhou sempre. Um rapaz! Casado e pai de filhos, mas ... então fomos e arrebentamos a porta. Arrebentamos a porta e destruímos o painel dentro da capela.

— Era tanta gente, tanta gente a vir ali de carro! Muitos até levavam pedaços daquilo, de marmorito ou daquela tenda do painel. Ao fim, o

senhor que nos acompanhava foi comprar um cadeado e um aloquete e fechámos os portões a cadeado e aloquete. E fomos entregar as chaves ao presidente da câmara. E ele disse, – Vocês ficais com as chaves, e ides entregar as chaves quando eu disser. – O advogado, o filho, que era quem nos explicava. Fomos chamadas a tribunal e contámos o que tínhamos a contar. As chaves foram depois entregues lá no tribunal. Acabámos por não resolver nada.

Nesse dia que foi da revolução, em que se partiu o painel, era o dia da inauguração do busto do doutor da Farmácia do Falcão pelo presidente da câmara e ... estava ali muita gente a fazer a inauguração desse busto. E a guarda estava aí. E a guarda não apareceu lá, no parque. Só depois de tudo destruído, quase a fecharmos a capela, já tinha os cadeados e tudo, é que veio a guarda.

— A gente, depois disse assim ao nosso advogado: – Oh senhor doutor, tivemos sorte que a guarda não apareceu lá! – e ele disse, – Pois não! Porque eu mandei! Fui eu que disse. – Que aquilo toava, era boom, pareciam bombas, lá dentro da capela aquilo toa e a gente com os martelos, com os machados! Olhe foi um ..., o dia quatro de outubro ficou de lembrança. E assim foi!

— Quatro de outubro nunca me esquece!

— A capela ficou fechada a cadeado. Esteve muito tempo fechada. Depois fizeram então este altar, como está agora.

Pronto, depois fizeram este altar. Fizeram este altar e colocaram no jornal para toda a gente ir ver se estava bem ou não. Se era preciso fazer mais alguma coisa. Depois, estava bem, pronto! Agora está bem! Está a nossa senhora no alto, não está ali no chão.

Interdita até janeiro de 1970, foram autorizadas obras de recuperação na capela de estilo gótico, que hoje possui um altar da autoria do Arquiteto Gaspar Domingues, na opinião de todos digno de apre-

ço e louvor à N. Sra. de La Salette e aos que visitam com devoção a Igreja de La Salette.







## PAREDES

### A NOSSA SENHORA DO SALTO

Na freguesia de Aguiar de Sousa em Paredes um jovem cavaleiro prendeu-se de amores por uma menina de lá. A menina, que era muito crente, e confiava muito na Virgem, estava sempre a mencioná-la. Por seu lado o cavaleiro aproveitava todas essas ocasiões para fazer pouco da confiança que ela tinha na Virgem, rindo-se dela e das suas crenças.

Ora num dia com uma forte neblina matinal, apesar da visibilidade reduzida, o cavaleiro montou no seu ágil corcel e seguido da sua fiel matilha partiu para a caça. Os cães rapidamente farejaram uma lebre, que mal se viu acossada fugiu como se voasse. O cavaleiro pressionou de imediato a montada e partiu a toda a brida no encalce da lebre, deixando os cães ficarem para trás. Rapidamente notou que embora quase nunca deixasse de vislumbrar a lebre, por mais que se esforçasse, não conseguia encurtar a distância. Parecia que esta lhe adivinhava todos os movimentos, acelerando quando ele acelerava, e parecendo reduzir quando o seu cavalo abrandava para recuperar o fôlego. Concentrado como estava, com o cavalo encharcado em suor, não notou que chegaram à Boca do Inferno. Nesse momento a lebre, que não era menos do que o demónio em figura de lebre, lançou-se no abismo, e cavalo e cavaleiro sem terem sequer noção do que estavam a fazer seguiram-na. Só quando o chão lhes falhou debaixo dos pés e o ar gelado lhe cortou as faces enquanto aceleravam na queda, sentindo o cavalo a entrar em pânico, percebeu que caíam na Boca do Inferno e que se iam esmagar no leito do rio ou nas pedras da margem oposta.

Nesse momento toda a sua vida lhe passou diante dos olhos. Tinha tido uma boa vida e, o que mais lamentava, era deixar sozinha a sua amada, que não tinha mais ninguém e que neste momento lhe parecia ainda mais bela e encantadora. Sabia não haver salvação possível e que agora, não se podia voltar para Deus, que de certo o castigaria pelo tanto que fizera sofrer a sua amada, quando dirigia as

suas mofas àquela confiança cega que ela demonstrava na proteção da Virgem.

Resignado ao seu destino não deixou, porém, de dirigir uma última prece à Virgem, pedindo-lhe, “Nossa Senhora, deste Salto, mo salve, não por mim, que não o mereço, mas pela minha amada que irá ficar destroçada”. No momento em que o fez sentiu de repente o cavalo parar de espernear e endireitar-se. Logo a seguir sentiu o impacto, e de repente percebeu que o cavalo estava parado em solo firme, nas pedras da margem, e estavam ambos sãos e salvos.

Compreendendo o que tinha acontecido, desmontou, ajoelhou-se, agradecendo a Deus e à Virgem, pedindo perdão do seu comportamento anterior e das suas constantes zombarias. Antes de voltar a montar edificou, pelas suas próprias mãos, uma tosca ermida à Virgem, e prometeu partir em peregrinação aos lugares santos, para se penitenciar. Corre junto da sua amada a explicar-lhe o sucedido, e comunica-lhe que, em ação de graças vai cumprir a promessa feita, mas, garante-lhe que quando regressar, a ela para sempre se unirá. E assim o fez!

Quando a moça no dia seguinte, já com saudades do seu amado, foi à margem do rio, viu cinco marcas deixadas numa dura laje da margem do rio, a marca do demónio e as marcas das patas do cavalo. Aí viu que a Virgem tinha protegido o seu amor, não do desvario de uma pobre lebre, mas sim das garras do demónio.





## PORTO OS TRIPEIROS

Em finais de 1414, no Porto, as margens do rio Douro transformaram-se num enorme estaleiro naval onde se construíam naus, barcas, galés e fustas para equipar uma grande armada.

Para além das embarcações a serem construídas nos estaleiros de Miragaia e do Ouro no Porto, os cordoeiros do Campo do Olival (Cordoaria) encarregavam-se do cordame, os ferreiros da Ferraria de Baixo junto a Miragaia produziam os apetrechos metálicos, outros produziam os velames, e nas terras da Maia, Gaia e Bouças (Matosinhos) preparavam-se as provisões.

Nenhum dos que trabalhavam neste projeto conhecia o objetivo ou o destino dessa armada, pelo que inevitavelmente rumores e boatos eram o pão nosso de cada dia, cada um deles mais imaginativo e supostamente mais bem informado que o anterior, especulando:

— [...] a armada é para servir de escolta à Infanta D. Isabel para a levar até Inglaterra para se casar...

— [...] a armada é para conduzir o Rei D. João I a Jerusalém para este poder cumprir a sua promessa de visitar o Santo Sepulcro...

— [...] a armada é para levar a Nápoles os Infantes D. Pedro e D. Henrique que ali se vão casar...

— [...] a armada é para ir conquistar a ilha da Sicília...

Os mais bem informados sabiam que em Lisboa nas margens do Tejo estava a acontecer o mesmo que nas margens do Douro, o que dava ainda mais combustível à imaginação.

Inesperadamente e sem aviso prévio, no início de janeiro de 1415 o Infante D. Henrique apareceu no Porto. Sendo filho do rei D. João I e natural do Porto ele era alvo de uma relação muito especial e de muita empatia por parte das gentes da cidade. Após avaliar os trabalhos em curso foi falar com o mestre Vaz, principal responsável pela obra, e agradeceu-lhe o zelo que estava a demonstrar. Disse-lhe ainda que ti-

nha um segredo para lhe contar e que os rumores estavam muito longe da verdade.

— Senhor, eu também já estava desconfiado disso, e que eles serviam era para desviar a atenção... - Foste muito sagaz, mas o que tenho para vos contar tem de ficar entre nós. Mais ninguém pode saber!

— Senhor Infante, muito me honra com a sua confiança, serei um túmulo!

— Pois bem, esta armada que estamos a construir no Porto e em Lisboa destina-se à conquista de Ceuta.

Já há muitos anos que era um sonho do Infante D. Henrique conquistar esta importante cidade marroquina. Ceuta era uma cidade portuária que dominava o estreito de Gibraltar e a passagem entre o Atlântico e o Mediterrâneo. Além disso, Ceuta servia de base a piratas que atacavam as costas do Algarve pelo que a sua conquista iria aumentar a segurança da zona e dificultar a ligação do reino de Granada ao Norte de África. E o saque da cidade iria ajudar a pagar a expedição.

Foi difícil convencer o rei D. João I, cansado das lutas contra Castela, do mérito desta expedição. Mas por fim o conselho da corte aprovou a ideia, a rainha Dona Filipa de Lencastre não se opôs, e o Condestável do reino, D. Nuno Álvares Pereira, achou que era um sinal de Deus, pelo que o rei acabou por anuir, responsabilizando o Infante D. Pedro pelos trabalhos no Tejo, e o Infante D. Henrique pelos trabalhos no Douro.

O mestre Vaz ficou espantado. Por essa é que ele não esperava! Mas começou logo a sonhar, a pensar se isso seria possível de ser feito, e se Ceuta poderia vir a fazer parte do reino de Portugal.

— Olhe mestre Vaz, vai ser preciso fazer um esforço sobre-humano porque a armada tem de estar pronta para zarpar nos primeiros dias de julho.

— Senhor, não sei como é que isso vai ser possível, ainda temos tanto que fazer ...

— Eu fico cá durante todo o mês de janeiro para ajudar no que for possível, mas precisamos mesmo de estar prontos no princípio de julho.

— Senhor, vamos fazer o esforço que nos pede, mas não vai ser só a questão das embarcações, temos também de juntar provisões suficientes... Qual vai ser a dimensão da armada?

— Cerca de duzentas embarcações e vinte mil homens.

— ... a ser assim a única solução que vejo é fazermos do mesmo modo que fizemos há trinta e um anos, senão nunca conseguiremos reunir provisões suficientes para um exército desse tamanho. Daqui para a frente vamos ter de comer tripas, lá nos vão voltar a chamar tripeiros...

Em 1384, D. João I durante a guerra com Castela tinha pedido a D. Rui Pereira que preparasse no Porto uma armada de 17 naus e 17 galés. Para o conseguir fazer e conseguir reunir provisões suficientes para as tripulações, o povo do Porto durante esse período deixou de comer carne e passou a só comer as tripas. Apesar de D. Rui Pereira ter morrido no combate que se seguiu e se terem perdido três naus, os portugueses obtiveram uma grande vitória sobre a frota castelhana, furaram o bloqueio a Lisboa e forneceram alimentos à população sitiada. O mestre Vaz tinha participado na construção e nos combates, e a memória desses eventos de há trinta e um anos ainda permanecia fresca.

— Olhe, mestre Vaz, que eu também posso ser chamado de tripeiro já que nasci aqui, e que ser chamado de tripeiro por ter feito tamanho sacrifício pelo reino de Portugal é uma grande honra, não é nada de que se possa envergonhar!

— Eu sei, Senhor, mas olhe que não vai ser fácil, ainda mais por ninguém poder saber por que razão estamos a fazer tamanho sacrifício, e tendo todos nós de laborar de sol a sol para tentar ter tudo pronto a tempo...

E não foi fácil. Mas o amor que tinham pelo Infante D. Henrique

e o exemplo dos que lideraram os trabalhos, entre eles o mestre Vaz, fez com que no início de julho de 1415 a frota criada no Porto estivesse pronta a zarpar, chegando a Lisboa a 10 de julho, e partindo pouco depois para o Algarve. A maioria da tripulação só quando já estava no Algarve é que soube qual era o verdadeiro destino da expedição. A surpresa do lado de Ceuta foi completa, de tal modo que o ataque durou somente dois dias, tendo caído na mão dos portugueses em 22 de agosto de 1415. É verdade que depois de conseguida a vitória e a cidade ter sido pilhada, manter Ceuta nas mãos dos portugueses nos anos que se seguiram tornou-se um verdadeiro problema, mas isso é outra história. Desde esta data o cognome de tripeiros ficou permanentemente colado aos naturais do Porto.





## PÓVOA DE VARZIM S. PEDRO DE RATES SANTO, PRECISA-SE!

Estamos em 1508 e o arcebispo de Braga, D. Diogo de Sousa, está preocupado. Desde a sua fundação em 1143 que Portugal se sujeitou à Igreja Católica Romana, tentando com isso arranjar apoios para assegurar a independência de Portugal face a Espanha. A Santa Sé não queria reconhecer um Portugal independente, preferindo a concentração de todas as forças da península ibérica na luta contra os mouros. Isto obrigou a negociações complicadas e demoradas entre a casa real portuguesa, o episcopado português, e a Santa Sé, e nestas negociações Braga tinha tido um papel fundamental. Em 1089 o Papa Urbano II tinha atribuído a Toledo o título de primaz com precedência sobre as demais dioceses da península ibérica. Braga não tinha ficado satisfeita, em 1114, ainda antes da fundação de Portugal, depois de muito protestar tinha conseguido direitos de primazia face a Toledo, e em 1135 Coimbra tinha deixado de estar debaixo da alçada de Toledo, desta forma no momento da fundação de Portugal o arcebispo de Braga tinha sido temporariamente o verdadeiro chefe do clero português. Esta questão da “primazia” entre Toledo e Braga, quem é que estava hierarquicamente dependente de quem, alongou-se ao longo dos séculos, com altos e baixos para as reivindicações de Braga, com Toledo e Braga a submeterem aos diferentes papas documentos tentando demonstrar que a primazia lhes pertencia por direito divino.

Lousada, o espião principal de D. Diogo em Roma, tinha acabado de chegar com a notícia que Toledo tinha entregue documentos que seriam muito prejudiciais às pretensões de Braga. Não restavam dúvidas a D. Diogo que o clero de Toledo não tinha escrúpulos e que esses documentos tinham sido falsificados. D. Diogo, que muito estimava o conselho de Lousada, pediu-lhe para ficar e estiveram a discutir o que fazer. Já eram altas horas da noite quando por fim chegaram a uma conclusão. Era preciso combater o fogo com o fogo. Precisavam de um santo e tinham pouco tempo para o conseguir.

No maior segredo montaram uma equipa que esteve a procurar nos arquivos, tentando identificar um candidato. Depois de muito procurarem acabaram por desistir. Não havia ninguém que fosse um candidato suficientemente forte para combater os documentos falsos de Toledo. Aí D. Diogo lembrou-se de que tinham decidido combater o fogo com o fogo. Se Toledo falsificava documentos para obter a primazia então por maioria de razão Braga, cuja prestigante história se estendia à sua fundação como Bracara Augusta 16 anos antes do nascimento de Cristo, também tinha o direito de o fazer. Continuavam a precisar de um candidato, mas também precisavam de uma história que fosse simultaneamente credível e que causasse impacto. E tinham pouco tempo para o fazer, precisavam de atuar antes que o papa se pronunciasse face aos documentos de Toledo.

Uma semana depois D. Diogo olhava para o documento que tinha à sua frente. Era um pouco fantasioso, mas não havia dúvidas que causaria impacto e tinha sido bem feito. Tomando como base um bispo de Braga, de nome Pedro, que tinha fama de santidade e tinha morrido no mosteiro de Rates, nos limites da diocese, Lousada tinha criado um candidato perfeito. O documento dizia que afinal Pedro tinha vivido perto de um milénio antes e tinha sido discípulo do apóstolo S. Tiago, e que este em Santiago de Compostela o tinha nomeado primeiro Arcebispo de Braga. Pedro, um judeu convertido ao cristianismo pelo apóstolo S. Tiago, recebera como prémio das suas virtudes e do seu zelo e talento como evangelizador o encargo de pastorear todos os cristãos que fugiam à perseguição tirânica da Roma de Calígula. Para esse fim Pedro construiu um humilde templo, a Igreja de Rates, onde celebrou os ofícios divinos. Nessa altura, dizia o documento, Pedro foi solicitado para curar a doença fatal da filha de um poderoso governador romano de Braga, o que com a ajuda de Deus tinha conseguido.

Agradecidas a jovem e a mãe converteram-se ao cristianismo o que provocou a ira do pai que enviou um grupo de soldados para o matarem. Avisado pela jovem, Pedro fugiu para Rates, a quatro léguas de Braga, com os soldados no seu encalço. Pedro estava de joelhos a refrescar-se na Fonte do Casal, na freguesia de Balasar, quando os soldados se aproximaram. Apesar de estar à vista de todos, Deus fez com que não o vissem, e, continuava o documento com um pormenor que agradou a D. Diogo que sabia apreciar um trabalho bem feito, ainda hoje se podia ver na fonte duas covinhas que não eram mais do que as marcas dos seus santos joelhos. Pedro refugiou-se de seguida na capela da Igreja de Rates onde os soldados acabaram por o encontrar, decapitando-o e destruindo o templo. Num monte próximo vivia um eremita de nome Félix, que uma noite, advertido por luzes celestes e vozes angélicas, desceu a Rates, removeu as pedras e encontrou a razão do clarão: o corpo intacto, se bem que com a cabeça separada do corpo, de S. Pedro Rates. O eremita Félix deu então sepultura ao corpo do santo, e com a ajuda doutros cristãos reedificou o templo derrubado. Com o passar dos anos a Igreja de Rates foi ficando em ruínas, e foi a inspiração divina que fez com que em 1100 fosse restaurada pelo Conde D. Henrique, pai de D. Afonso Henriques, de modo a dar digna morada a S. Pedro de Rates, que os povos circunvizinhos nunca tinham deixado de venerar.

Satisfeito D. Diogo pensou no que agora urgia fazer. Começou por mandar fazer um novo breviário bracarense onde mandou inserir como primeiro arcebispo de Braga S. Pedro de Rates e onde a história da sua vida era contada em pormenor. A descrição terminava com a menção que “Ista quae scripsimus, idoneis testibus esse vera cognovimus”, isto é, que o relato tinha sido comprovado por testemunhas idóneas. À falta de melhor foi o que se lembrou de colocar para tentar justificar a veracidade do que ali estava transcrito.



Mal o breviário ficou pronto mandou recolher e destruir todas as cópias que conseguiu encontrar do primeiro breviário bracarense datado de 1494. Seguidamente pediu a Lousada, que era um falsário reputado, que fosse a Roma e alterasse sub-repticiamente o exemplar do breviário bracarense de 1494 que se encontrava na biblioteca do Vaticano de modo a incluir esta narrativa de S. Pedro de Rates. Só depois disto estar feito é que D. Diogo foi a Roma pedir uma audiência ao papa e lhe entregou os documentos justificativos da pretensão da primazia bracarense. Não entregou o novo breviário, sabendo que quando fossem verificar os documentos iriam consultar o breviário anterior e aí encontrariam uma validação independente. No entanto, pelo sim pelo não, temendo que aparecesse alguma cópia do primeiro breviário bracarense onde S. Pedro de Rates não era mencionado, em 1511 mandou imprimir com pequenas atualizações do texto uma nova edição do breviário, e em 1512 uma terceira edição, de modo a inundar o mercado. Só aí descansou. O papa não decidiu a favor de Braga, deixando a questão por resolver, mas pelo menos os novos documentos serviram para lançar a dúvida face a Toledo, pelo que D. Diogo considerou a missão um sucesso e perfeitamente justificável face à perfídia de Toledo. Somente D. Diogo e Lousada sabiam que a história de S. Pedro de Rates não tinha acontecido bem assim, mas ambos acharam que neste caso os fins justificavam os meios.

Os anos passaram-se e um dia Lousada, já reformado do seu ofício de espião junto da Santa Sé, voltou para Portugal com a jovem mulher italiana. Estabeleceram-se na Póvoa de Varzim e viveram felizes, mas por mais que tentassem não conseguiam ter filhos. Um dia a mulher apareceu-lhe com a terceira edição do breviário de Braga, onde a história de S. Pedro de Rates tinha sido embelezada um pouco, e se referia que a água da Fonte do Casal na freguesia de Balasar, por graça de S.

Pedro de Rates, era cura certa contra a infertilidade. Lousada, que tinha ajudado a documentar com “testemunhos idóneos” essa história, sabia que se tratava de uma belíssima patranha, mas não o podia confessar à mulher. Tentou dissuadi-la, mas em vão. Ela fez uma peregrinação à fonte e voltou segura de que iam ter um filho. E na verdade nove meses passados tiveram gémeos, um rapaz e uma rapariga. A mulher não cabia em si de contente e não parava de louvar S. Pedro de Rates. Lousada é que já não sabia o que pensar. Teriam andado este tempo todo a inventar uma verdade?



## SANTA MARIA DA FEIRA A VINGANÇA DE LIA

O Castelo da Feira era governado por um mouro de nome Ben Iussef. Entre as terras da Feira de domínio mouro e as de Cale de domínio cristão existia uma grande superfície erma que as separava, umas terras de ninguém, conhecidas mais tarde por Areíinho, no extremo do qual havia uma grande e densa floresta.

Em Cale existia um homem rico que tinha uma filha Lia, de grande beleza e famosa pela bondade que todos os dias exercia ao distribuir aos necessitados alimentos junto de uma ermida dedicada a Santa Maria. Essa fama era tão grande que chegou aos ouvidos de Ben Iussef e este, muito curioso, vestiu-se de mendigo e foi também ele pedir pão a Lia. A beleza da donzela fascinou-o de tal forma que não mais deixou de acorrer às suas benesses, mesmo tendo que cumprir a imposição desta que obrigava os seus protegidos, após a refeição, a entrarem na ermida para dar graças a Deus. Sendo mouro, não sabia rezar como um cristão, mas empenhou-se em aprender com a donzela e, tão fervoroso era, que não existia outro protegido igual. Durante muito tempo, ali conviveu e rezou com a donzela Lia. De tão forte e fervorosa convivência nasceu uma irrefreável paixão. Impossibilitado de a reprimir por mais tempo, decidiu que Lia seria sua. Mas como fazê-lo ‘se ele rezava o Corão e ela os Santos Evangelhos?!’

Era um dilema religioso e político. Há muito que cristãos e mouros conviviam sob tréguas, apenas apartados por essa terra de ninguém. Falar-lhe da sua paixão deitaria tudo a perder. Então como? Que estratagema poderia ele inventar que não pusesse tudo em risco? De imaginação fértil e motivado pela paixão como poucos, Ben Iussef, estudou e demarcou o trilho pela floresta que conduzia à superfície erma e enviou um seu súbdito, disfarçado de cristão, a Cale para mandar construir um barco que pudesse transportar três cavaleiros e seus cavalos, e que foi depois levado para o local do Areíinho. Entretanto



mandou aparelhar seis cavalos e a três dos cavaleiros deu instruções para que raptassem Lia da ermida ao fim da tarde. Num ápice ela foi arrebatada, amordaçada e colocada sobre o dorso de um dos cavalos. Os três cavaleiros rapidamente transportaram Lia até à entrada da floresta, no seu encalço vinham os cristãos em desesperada perseguição. Mal se internaram na floresta e ficaram fora da vista os outros três cavaleiros vieram ao seu encontro. Lia foi trocada por uma escrava que seguia na garupa de um dos outros cavalos, e os três cavaleiros agora acompanhados da escrava disfarçada de Lia, seguiram mais lentamente, de forma a garantir que eram vistos, até ao barco. Entraram no barco, causando o desespero dos cristãos que os perseguiam e que se viam impotentes para os seguir e salvar a donzela. Entretanto os restantes três cavaleiros, a coberto do arvoredo, transportavam Lia até ao castelo de Ben Iussef.

Quando chegaram ao Castelo, libertaram Lia da mordaça e venda. Na presença de Ben Iussef, Lia, vendo-se prisioneira e à mercê daquele pedinte, que todas as sextas-feiras acarinhara, agora transformado em poderoso mouro, tomada por forte convulsão caiu inanimada. Em grande aflição Ben Iussef chamou os seus físicos a reanimá-la. Quando voltou a si, Lia interpelou com violência o mouro:

— Vilão, como te atreves a cometer tal infâmia, sabendo que sou cristã e que, nem com promessas, ameaças, ou sevícias consentirei que te aproximes de mim? De mim nada alcançarás. E, para que morram em ti tão depressa as tuas esperanças como em mim morreu a liberdade, ponho fim à minha vida!

Dizendo isto Lia lançou-se contra Ben Iussef, arrancou-lhe a adaga do cinto e com ela se feriu profundamente no peito, caindo inanimada numa poça de sangue. Tão rápido foi o seu gesto que ninguém foi capaz de o impedir.

Permaneceu muito tempo entre a vida e a morte, mas os cuidados, desvelos e atenções que Ben Iussef lhe deu e, sobretudo o respeito com que por ele foi tratada, salvaram-lhe a vida e pouco a pouco restituíram-lhe a saúde. Lia, assim tratada, deixou de o repelir e olhava-o agora não com repulsa e irritação, mas com doçura. Confiante nas suas promessas, pedia-lhe que estivesse junto de si e com ela rezasse. Logo que pôde, enviou um mensageiro a seu pai, a contar-lhe tudo o que passara, que se encontrava bem e que, dentro em breve, se lhe juntaria. Uns dias depois, já recuperada, Lia foi conduzida a casa de seu pai por Ben Iussef que, desde esse dia, passou a visitá-la sob disfarce.

Lia, durante a sua permanência no castelo, tinha-se mostrado sempre confiante na proteção da Virgem da sua ermida e firme na sua crença. Tão fervorosa e convicta era, que abalou Ben Iussef nas suas convicções levando-o a em segredo renunciar ao Corão e abraçar o cristianismo. Por amor de Lia se fez cristão e debaixo do maior segredo a pediu em casamento. Depois do casamento, realizado também no maior dos secretismos, Lia voltou para o castelo da Feira.

Lia, com a sua beleza, bondade, e dignidade a todos encantava e foi conquistando, a pouco e pouco todos os que ali viviam, do povo aos soldados, sabendo aproveitar esta circunstância para veladamente, ir lançando a semente do cristianismo. Lia sentia-se feliz com a paz que reinava entre cristãos e mouros. Mas como se diz, não há bem que sempre dure e, o ambicioso irmão de Ben Iussef, Ben Alígula, cioso do poder deste enquanto governador e, desconfiado que Lia continuava cristã e discretamente doutrinava no cristianismo as gentes do Castelo com o aval de Ben Iussef, correu a Córdova, onde se sediava o Califado do governador do Castelo da Feira, a denunciá-los. Conseguiu convencer o califa a que ordenasse a prisão e morte de ambos e a sua nomeação como novo governador, mas, quando chegou ao Castelo para executar

a ordem, todos se recusaram a cumprir as suas ordens. Temeroso que a guarnição o assassinasse e mantivesse Ben Iussef governador, aproveitou uma oportunidade e apunhalou-o.

Logo se iniciaram tumultos e, uma revolta começou a tomar forma. Mas Lia acalmou os ânimos e convenceu os soldados a obedecerem a Ben Alígula, explicando-lhes que o poder dos homens vem por vontade de Deus e que, se deviam submeter às ordens do califa de Córdoba, obedecendo ao novo governador. Ben Alígula, vendo-se inesperadamente obedecido, deu cumprimento à sentença que também condenava Lia à morte, mas, com receio de que a sua execução no castelo pudesse provocar novas desordens, entregou-a secretamente a um pelotão de execução e ordenou:

— Levem-na até Corujeiras – um monte a norte vizinho ao castelo em terras de S. João de Ver – e, no cabeço que daqui se vê, abram-lhe as veias e recolham o seu sangue neste vaso que me trarão para dar aos meus cães. Depois, dispam-na, queimem-na e lancem as suas cinzas ao vento. Que dela não fiquem vestígios! Tudo isto foi ouvindo Lia de olhos vendados que, sem um protesto ou queixume, se deixou conduzir pelos carrascos, enquanto encomendava uma última vez a sua alma a Deus, pedindo proteção à Virgem Santa Maria.

A caminho do monte das Corujeiras, num local ermo que Ben Alígula não conseguia avistar do Castelo, os seus carrascos pararam e um deles de seu nome Jineff, dirigiu-se a Lia chamando-lhe irmã e pedindo-lhe para não se assustar, que ainda não tinham chegado, e que lhe ia tirar a venda e entregar-lhe umas vestes de homem, um bordão e uma sacola para que Lia se disfarçasse de pedinte e assim, fugisse para casa de seu pai.

Lia respondeu a Jineff quer não podia aceitar, não podia salvar a sua vida à custa da dele e dos restantes, pois eles tinham que apresentar o

seu sangue a Alígula. Este tranquilizou-a, dizendo que todos os soldados ali presentes ofertariam o seu sangue por ela. Pediu ajuda a Lia, que era muito mais instruída nessa arte, para lhes curar as feridas dos cortes. Tendo-se Lia convencido de que era possível salvar-se sem que os soldados corressem perigo, acabou por aceitar e com um estilete que lhe entregaram, abriu-lhes as veias para recolher o sangue e cuidadosamente as laqueou terminada a recolha. Emocionada e triste despediu-se e pôs-se a caminho de Cale. Os soldados dirigiram-se ao cabeço, derrubaram algumas árvores e fizeram uma grande fogueira que se avistava do Castelo.

Já de noite, Jineff apresentou-se a Ben Alígula para lhe entregar as vestes e sangue de Lia, como prova da missão cumprida.

Entretanto Lia planeava a sua vingança. Sendo cristã praticante tinha de arranjar uma forma de se vingar sem derramamento de sangue. Disfarçou-se de mendiga, fez alguns cortes no rosto para evitar ser reconhecida, e foi colocar-se ao pé da fonte da Levezinha, logo a seguir ao monte das Corujeiras, uma fonte que tinha fama de ser miraculosa. Junto desta fonte Jineff veio confidenciar com ela. Lia, usando o conhecimento que Ben Iussef lhe tinha transmitido, ensinou a Jineff como aceder às três vias secretas do castelo. A primeira, denominada Grande Via, podia ser utilizada para levar os cavalos a beber ou para a guarnição escapar se a situação apertasse, saindo do castelo, dirigia-se para o rio Cáster; a segunda dirigia-se para norte, passando por baixo da Praça Velha e terminava numa grande caverna-cofre onde eram guardados os tesouros dos mouros; uma terceira, apenas do conhecimento do antigo governador, comunicava com a sua alcova.

Jineff, seguindo as instruções de Lia começou a espalhar boatos que trouxeram desassossego ao castelo. De noite ouviam-se ruídos e vozes estranhas, e às vezes quando Ben Alígula acordava, os móveis do quarto

tinham mudado de sítio. Ele andava assustado, mas com medo que se rissem dele nunca contou o que se passava no seu quarto. Consultou os seus astrólogos, mas estes nada lhe conseguiram dizer. Ouviu Jineff elogiar as maravilhas da Velha da Água e de que ela conseguia prever o futuro e resolveu consultá-la. Não a reconheceu, debaixo dos seus trajes andrajosos e com cicatrizes no rosto. Pediu-lhe que previsse o futuro, mas antes disso, para ela lhe provar que podia confiar nela, já que o passado era de certeza muito mais fácil de prever do que o futuro, pediu-lhe que descrevesse uma cena do seu passado. Lia assim fez, e contou-lhe a cena da condenação de Lia à morte e como ele tinha mandado queimar o seu corpo e dado de beber o seu sangue aos cães. Seguidamente disse-lhe que ia perder o castelo, que nessa noite um crucifixo ia aparecer na sua alcova e que no dia seguinte um grande exército cristão atacaria o castelo como vingança pela morte de Lia.

Ben Alígula não acreditou na história do crucifixo e do exército cristão, mas lembrando-se dos móveis que mudavam de lugar, revistou o quarto e manteve-o fechado o resto do dia com um guarda à porta e antes de se deitar voltou a revistá-lo de ponta a ponta. Nenhum crucifixo foi encontrado. Acendeu uma candeia com azeite suficiente para durar toda a noite e foi dormir. A altas horas da madrugada Jineff introduziu-se silenciosamente no quarto, apagou a candeia e deixou um crucifixo ao lado desta.

Quando Ben Alígula acordou de manhã e viu a candeia apagada, mas ainda cheia de azeite, começou a preocupar-se, nesse momento o seu olhar fixou-se no crucifixo. Levantou-se de rompante assustado, e mal saiu do quarto Jineff veio avisá-lo que os vigias tinham detetado um grande exército cristão, que para além dos soldados incluía lobos e ursos amestrados. Esse exército aproximava-se a marchas forçadas e estaria junto do castelo ao cair da noite. Na realidade Lia tinha enviado

emissários a pedir que se reunissem todos os rebanhos da cristandade nas proximidades de Cale, e ordenado a compra de todas as velas que existissem, velas que foram amarradas aos chifres dos caprinos e ovinos. A estes rebanhos, conduzidos por alguns soldados, confiava a conquista do castelo. Planeado o ataque, definiu que ao atingir-se o monte das Corujeiras, acender-se-iam as velas e os rebanhos, espalhados por uma vasta área para dar impressão de um grande exército, pôr-se-iam em movimento em direção ao castelo. Os animais da frente seriam cobertos com peles de lobos e ursos.

Quando Ben Alígula ao cair da noite de repente viu aparecer um vasto semicírculo de luz percebeu que estava perdido. Foi esse o momento que Jineff aproveitou para lhe referir a existência da Grande Via e que poderiam escapar por ela. Isso chegou para retirar a Ben Alígula a intenção de resistir, vendo uma forma de se escapar aproveitou-a e toda a guarnição abandonou o castelo indo refugiar-se em Coimbra.

Lia e o seu exército entraram sem oposição no castelo vazio. Após entregar a guarda do Castelo a uma pequena guarnição, Lia retirou-se para casa do pai. Na ermida agradeceu à Virgem a ajuda dada para alcançar tamanha vitória. Há quem diga que foi por esta vitória ter sido atribuída a Santa Maria que estas terras passaram a ser conhecidas por “Terra de Santa Maria”.











## SANTO TIRSO

### A FONTE DA MARIA VELHA

Nos primórdios do Século XVIII, durante o reinado de el-rei D. Pedro II, morava num solar para os lados de Burgães um abastado morgado com a sua mulher e o único filho, de nome Bártolo. Bártolo foi educado num ambiente muito religioso, e desde cedo que os pais o orientaram para um futuro na igreja. Começou assim a frequentar o seminário, e os pais anteviam que brevemente Bártolo terminaria os estudos e entraria para uma ordem religiosa.

Perto do solar existiam vários casais de origem humilde. Um deles era o do Zé Almocreve, já viúvo com uma única filha, de nome Maria, que aos dezasseis anos era tão formosa e elegante que ofuscava todas as raparigas da região. Maria era lavadeira e às vezes trazia o gado do seu pai a beber à Fonte da Capela.

Bártolo vivia uma vida tranquila até ao dia em que, ao regressar de uma cerimónia religiosa a que tinha assistido no convento de Santo Tirso, se cruzou pela primeira vez com Maria na Fonte da Capela. Nessa altura só trocaram meia dúzia de palavras, até porque Bártolo quase que perdeu a fala, mas foi o suficiente.

Bártolo tratou de descobrir onde é que Maria morava e o que fazia ao longo do dia, começando a gastar a maior parte do tempo a inventar itinerários e pretextos plausíveis para se cruzar com Maria sempre que possível. Dada a diferença de classe social, e Bártolo ser muito tímido, Maria não se apercebeu de imediato do que se estava a passar. Só que as coincidências foram-se acumulando, atingindo o limite do plausível. Maria um dia, apesar de não ser uma rapariga atrevida, achando que quatro vezes num único dia era demais, tomou a iniciativa e perguntou-lhe diretamente porque é que o estava sempre a encontrar, quer na aldeia quer nos sítios mais inóspitos. Aí Bártolo ganhou coragem e confessou-lhe o seu amor.

Aí começou um idílio amoroso se bem que platónico. Ao princípio



conseguiram manter a relação secreta, mas isso é difícil num lugar onde todos se conhecem. A informação acabou por chegar aos ouvidos do morgado que não esteve com meias medidas. Foi falar com o Abade e no dia seguinte, apesar dos seus protestos, Bártolo foi forçado a entrar para o mosteiro Beneditino de Santo Tirso.

Mas o amor de Bártolo por Maria era demasiado forte, por mais que se esforçasse não a conseguia esquecer. Não querendo comprometer a reputação de Maria, até porque todos sabiam o que tinha acontecido, o agora frade Bártolo resolver usar a mesma técnica que inicialmente lhe tinha permitido chegar à fala com Maria. Em terras do Mosteiro, junto ao Portão do arco de entre muros, os monges saíam para ir trabalhar no couto, e por vezes cruzavam-se com as pessoas do lugar. Sendo assim, e porque não conseguia adivinhar quando, e se, Maria passaria por lá, Bártolo passava os dias a voluntariar-se para fazer errandas entre o couto e o mosteiro. Demorou, mas acabou por conseguir, um dia cruzou-se com Maria e conseguiu fazer-lhe sinal, embora não chegando à fala dado ela estar acompanhada. Maria compreendeu o sinal, e agora com os dois a tentarem voltar a cruzar-se, não demorou muito a que o conseguissem fazer num momento sem testemunhas.

Maria e o frade Bártolo passaram a esgueirar-se à noite para se encontrarem num lugar ermo. Tratando-se de um amor platónico, o que ambos mais sentiam falta era da companhia um do outro. O pouco tempo que conseguiam passar juntos era usado a contemplarem-se na semi-escuridão e a falar de pequenas coisas, o mais longe que às vezes iam abraçarem-se ou dar as mãos por breves momentos.

Isto só podia acabar mal. Numa noite de luar foram vistos e o escândalo alastrou rapidamente. O morgado voltou a pressionar o Abade, e este, apesar de ter compreendido que a relação era platónica, não teve outro remédio e impôs medidas drásticas de clausura. Impedido de sair

do convento o frade Bártolo começou a definhar, a depressão e a melancolia consumiram-lhe o corpo e a alma, e nem um mês era passado e já entregava a alma ao criador. Devido à sua clausura e aos contornos do escândalo a sua morte foi mantida secreta.

Maria, sem notícias e sem saber da clausura do seu amor, à hora certa, todos os dias esperava no lugar combinado. Antes disto ter acontecido já nem sempre o frade Bártolo conseguia escapar-se do convento, pelo que não era a primeira vez que a deixava sozinha, por isso Maria ao princípio não estranhou. Os dias foram passando, mas Maria, com a persistência e esperança de quem não consegue conceber a vida longe do seu amado, continuou à espera, derramando lágrimas de medo e de esperança. Passaram-se dias, passaram-se anos, Maria todas as noites continuava à espera. Foi-se a juventude e a velhice chegou sem avisar, sem que Maria perdesse a esperança de um dia voltar a ver o frade Bártolo, com o seu olhar doce e sorriso tímido.

As lágrimas que todos os dias Maria vertia foram-se acumulando e fizeram brotar uma fonte, fonte da qual Maria bebeu. Há quem diga que foi por beber dessa fonte que Maria nunca perdeu a esperança e nunca deixou Santo Tirso mesmo depois do seu pai Zé Almocreve ter tido de vender os seus parques pertences e ir ganhar a vida noutra lugar. Maria já velha, sem poder trabalhar, alimentada pela generosidade do povo e saciada pelas lágrimas da fonte, acabou por morrer ao lado da fonte a que agora se chama Fonte da Maria Velha. E o povo lembra-a cantando:

*Fonte da Maria Velha ...Fonte Velha  
Água de nome e de fama,  
Que reflete e se espelha ... e se espelha  
No coração de quem ama.*

Fica aqui o aviso a todos os que passarem por essa fonte que nunca mais secou. Quem beber dessa água de amor e de feitiço arrisca-se a nunca mais conseguir deixar Santo Tirso.





## S. JOÃO DA MADEIRA ASSALTO À FÁBRICA NOVA

Pela calada da noite, os vultos enchapelados ou encapuçados começaram a convergir para o barracão. Sabiam que se fossem vistos juntos, as pessoas suspeitariam que alguma marosca estaria em curso, pois eram quase todos concorrentes diretos trabalhando em oficinas ou pequenas unidades industriais da chapelaria de S. João da Madeira. Estava-se num dia frio e cinzento do início de outubro de 1914. A primeira guerra mundial já estava em curso se bem que Portugal ainda não estivesse oficialmente em guerra com a Alemanha.

António Bonifácio fora o responsável por organizar esta reunião num barracão pertencente a um primo de sua mulher e fora dos limites territoriais de S. João da Madeira. Tinha pedido que fossem discretos e que tentassem não ser reconhecidos. Alguns tinham levado as instruções demasiado à letra e com as suas longas capas, golas levantadas e cabeça coberta, mais pareciam os salteadores que no século passado ainda rondavam as estradas da província a pedir a bolsa ou a vida.

Depois de verificar que estavam presentes todos os convocados, Bonifácio tomou a palavra.

- Muitos de vocês ainda se lembram que, há 23 anos, o António José de Oliveira Júnior e o Pedro Palmares montaram aqui uma pequena fábrica a vapor onde começaram a produzir chapéus finos de pelo de coelho e o impacto que, na altura, isso teve na procura dos nossos chapéus de lã. E agora soube de fonte segura que a Fábrica Nova está muito perto de ser colocada em funcionamento. Provavelmente arranca já no início do próximo mês.

Os coconspiradores entreolharam-se. Já todos tinham ouvido histórias de quão moderna era a fábrica, construída com máquinas e engenheiros que o Oliveira Júnior tinha ido buscar à Alemanha e das maravilhas que se dizia que ela ia permitir fazer. Corria à boca cheia que nas suas máquinas se metiam os coelhos ainda vivos numa ponta

e saíam chapéus já prontos da outra, e embora eles não acreditassem que fosse mesmo assim, no seu subconsciente temiam que não fosse muito diferente.

— Pois bem, se não fizermos nada todos nós arriscamos a ruína. Temos de decidir o que fazer.

A discussão foi longa e já passava da uma da manhã quando chegaram a acordo sobre o que fazer. O plano ia ser posto em prática em várias frentes, não só para aumentar as probabilidades de sucesso como também para ser mais difícil perceber-se que teria partido deles.

Ao final da manhã do dia seguinte, José Lima chamou um dos seus encarregados à parte. Depois de lhe detalhar os perigos da Fábrica Nova, com especial ênfase para a participação dos alemães na sua construção, confidenciou-lhe que muito provavelmente iria ter de fechar a oficina antes do fim do ano. Pediu-lhe segredo para não assustar os restantes trabalhadores e deu-lhe dinheiro para organizar com eles uma pequena festa de Natal, um pouco cedo é certo, mas para que pelo menos tivessem algo de bom para se lembrarem antes da miséria que aí vinha. E lá foi entremeando na conversa histórias de como os Luditas, há exatamente um século atrás em Inglaterra, em vez de ficarem quietos tinham destruído as máquinas têxteis que lhes iam tirar o pão da boca.

No outro dia foi a vez da viúva Melchior. Chamou o representante da associação de operários chapeleiros e disse-lhe que ia ter de aumentar o número de horas de trabalho mas sem o aumento proporcional do salário, pois os tempos iam ficar muito difíceis mal a Fábrica Nova comesse a laborar. E no meio da conversa, entre reminiscências do passado lá foi introduzindo a história do seu bisavô inglês que tinha participado na luta contra as máquinas.

O Ferreira mexeu os seus cordelinhos de tal forma que a 18 de outubro, “O Chapeleiro”, o órgão oficial da federação nacional dos operá-

rios chapeleiros portugueses publicou o artigo “O trabalho mecânico” alertando para o que estava para acontecer na Fábrica Nova e como o trabalho mecânico desacreditava a indústria da chapelaria.

Os dias foram passando e os pequenos industriais que tinham sido selecionados para trabalhar nas várias frentes, ora pelos seus dotes oratórios, ora pelo relacionamento próximo que possuíam com um dado empregado, ora ainda pelo elevado número de empregados que tinham, lá iam da melhor ou pior forma dando conta do recado.

Entretanto Bonifácio, que por segurança não tinha explicado aos outros qual ia ser a sua parte, tinha falado com o primo da sua mulher e por intermédio dele, contratara meia dúzia de almocreves e meia dúzia de homens de confiança das terras vizinhas, daqueles que sabem aguentar a bebida. E lá foram eles agitar as águas, uns dias nas tabernas da terra e outros nas casas dos operários, de tal forma que em finais de outubro praticamente todos os habitantes de S. João da Madeira tinham já aprendido uma nova palavra: luditas.

Por fim chegou o dia fatídico. Soube-se que a Fábrica Nova, após alguns dias de experiência, ia começar a funcionar a sério na quarta-feira, dia 4 de novembro. Na terça-feira, o sino da igreja começou a tocar a rebate, como se fazia quando havia fogo, e os operários e alguns familiares começaram a convergir para a fábrica. À medida que caminhavam a multidão ia engrossando com os que vendo tamanho tumulto resolviam juntar-se. Quando chegaram à vista da fábrica já ultrapassavam o mi-lhar entre homens, mulheres e crianças. Alguns vinham armados com varapaus, machados, martelos, foices ou caçadeiras. Mas a maioria tinha vindo de mãos vazias, só para apreciar o espetáculo. Alguns gritavam “Abaixo as máquinas” mas a maioria ia silenciosa, um pouco nervosa e na expectativa do que ia acontecer.

A fábrica ocupava um espaço retangular de grandes dimensões, o

lado principal da fachada tinha cinco edifícios de alturas variadas colados uns aos outros, cada um dos três lados restantes do retângulo continha um único edifício comprido, e no pátio central existiam mais dois edifícios. Com todas as janelas gradeadas e um grande portão sólido a fábrica mais parecia uma fortaleza medieval. Uma central privada para fornecer eletricidade às famosas máquinas alemãs quase que a tornava auto suficiente. Dentro da fábrica estavam os sócios, numa sala do primeiro piso com as cortinas corridas para que a luz não fosse visível do exterior. Todos eles nervosos e alguns armados com pistolas. Já fazia quase uma hora que tinham enviado um empregado de bicicleta pedir ajuda a Ovar onde estava aquartelado o 3º Batalhão de Infantaria 24. Sabiam que iam ter de aguentar sozinhos as próximas horas pelo que os nervos estavam à flor da pele.

Os operários começaram a bater com os paus e martelos no portão, berrando para que lhes abrissem a porta. De dentro respondia-lhes o silêncio e a fábrica às escuras. Todos sabiam que havia gente lá dentro. Acabaram por perceber que não iam conseguir derrubar o portentoso portão e que ninguém lhes ia dar entrada naquela fábrica maldita. Aí mandaram um grupo ir pedir emprestadas umas quantas escadas e ficaram à espera animando-se com gritos de “Abaixo as máquinas”, “Abaixo as máquinas que nos tiram o pão”. Por fim, espreitando pelo canto da janela de uma sala às escuras, os sócios viram aparecer os operários a carregar umas dez escadas e perceberam que tudo estava perdido, que eles iam entrar pelo telhado onde as claraboias não tinham grades e não iam poder resistir ao ataque dos seus martelos e machados. Um deles preparava-se já para disparar pela janela quando o sócio principal, António José de Oliveira Júnior, interveio. Com voz autoritária, disse ao colega: - Nem penses em tal calamidade! Eu também fui operário e ninguém daqui vai disparar sobre operários, aconteça o que acontecer. Eu vou falar com eles.

Oliveira Júnior tinha nascido em S. João da Madeira, em 1864, de pai chapeleiro. Muito jovem fora para Tomar trabalhar como marçano e caixeiro. Enquanto trabalhava, insatisfeito com o pouco que sabia, começou a frequentar à noite uma escola religiosa. Esses estudos levaram-no a analisar e preocupar-se com questões sociais, conflitos de classe e a relação patrões-operários. Nessa altura não havia horários de trabalho, trabalhava-se de sol a sol e, nalgumas fábricas mesmo durante a noite, o emprego escasseava e os trabalhadores só tinham direito ao salário semanal quando havia trabalho. Quando ficavam demasiado velhos para trabalharem eram despedidos esperando-os a miséria, a mendicância ou a dependência dos membros mais novos da família que, muitas vezes já mal conseguiam sobreviver sem estas bocas extras para alimentar. Aos vinte anos voltou para S. João da Madeira e emprega-se como operário de uma oficina de chapéus de lã. Fez o que pôde pelos operários, usando todo o seu conhecimento e dons de oratória para se fazer ouvir. Depois o seu desejo de ir mais longe levou-o a mudar-se para o Porto onde aprendeu a fazer chapéus de pelo de coelho, chapéus finos que contrastavam com os grosseiros chapéus de lã de S. João da Madeira. Regressou a S. João da Madeira e juntamente com um sócio criou uma pequena oficina de fabrico de chapéus de pelo de coelho que teve um enorme sucesso. Era a fábrica Oliveira & Palmares que contava já com a ajuda de máquinas a vapor e produzia 200 mil chapéus por ano. Esta concorrência e as suas atitudes progressistas face aos operários trouxeram-lhe a inimizade da maioria dos pequenos industriais da zona. Embora os operários da sua fábrica fossem bem tratados e mais bem pagos que os restantes, os outros operários olhavam-no com desconfiança, ouvindo as queixas dos seus patrões e temendo ficar sem emprego. A construção da Fábrica Nova e a utilização de material e engenheiros alemães tinha sido a gota de água.



Poucos minutos depois a multidão ouviu o barulho das trancas e da chave a rodar na fechadura do portão. Os que estavam à frente quedaram-se na expectativa e os que estavam atrás, vendo-os de repente ficarem muito quietos, imitaram-nos e um silêncio sepulcral tombou de repente, ao fundo só se ouvia o choro de um bebê. Oliveira Júnior apareceu ao portão e saiu para fora deixando-o aberto. De chapéu na cabeça e com as mãos nos bolsos, encarou-os serenamente como se não visse as foices e os machados. Disse-lhes: - Compreendo a vossa preocupação mas garanto-vos que não têm nada a temer. Já fui operário e sei como vocês vivem e o que sofrem. Está aqui aberto o portão da minha fábrica. Foram quase 40 anos de canseiras e privações para, por fim, conseguir abrir esta fábrica. Se alguma das máquinas que estão lá dentro fosse para vos tirar o pão, então não precisavam de vir aqui para as destruir, eu seria o primeiro a fazê-lo. Convido-vos amanhã a enviarem uma delegação de operários para irem comigo, secção a secção, verem as máquinas e avaliar se elas vão ou não ajudar-nos a produzir mais e melhor. E se é verdade que algumas delas vão fazer o trabalho que até agora era feito manualmente, não é menos verdade que para funcionarem elas vão precisar de vocês, e eu comprometo-me a treinar-vos para usarem essas máquinas e que os engenheiros alemães só vieram para montar a fábrica e não vão ser eles quem a vai manter em funcionamento. Vocês conhecem-me, o que prometo cumprio, dou-vos a minha palavra de honra.

A multidão hesitou. Tinham vindo para destruir e alguns deles sentiam-se defraudados. Precisavam de destruir qualquer coisa para libertar a adrenalina. Nesse momento apareceu um destacamento do 3º Batalhão de Infantaria 24 que tinha vindo em marcha forçada desde Ovar mal fora avisado do ataque iminente à Fábrica Nova. Logo os ânimos se exaltaram e houve quem dissesse que o Oliveira Júnior só tinha estado a ganhar tempo à espera da chegada das tropas. O destacamento

era pequeno, mas estava bem armado e o tenente que os comandava colocou-os em formação de combate. Começaram a chover insultos sobre a tropa, mas ninguém teve coragem de carregar de frente contra aquele mar de armas até porque as da frente estavam com baionetas colocadas. Mesmo assim com a pressão dos que estavam atrás e queriam ver melhor, a multidão começou a avançar e a envolver o destacamento espalhando-se pelos campos contíguos à estrada. O tenente temendo ficar cercado e submergido pela multidão, deu ordem de fogo e uma descarga foi disparada para o ar. Com o estrondo de todas as armas a dispararem em uníssono, a multidão entrou em pânico e foi um pernas para que vos quero. As pessoas atropelaram-se a fugir, as mães berravam pelos filhos, crianças que ficaram para trás choravam, e alguns acabaram pisados, embora sem gravidade. E assim terminou a noite.

No dia seguinte começaram as negociações entre a Fábrica Nova e os operários. Estas não foram fáceis dado a diversidade de interesses em jogo. Mas ao fim de quinze dias de negociações chegaram a um acordo considerado razoável por todas as partes. As máquinas de afinar foram temporariamente desativadas para não prejudicar o trabalho das mulheres afinadeiras já que essas máquinas pouco contribuíam para a qualidade dos chapéus. Os dois engenheiros alemães regressaram à Alemanha. Todos os antigos operários foram admitidos, com um salário mínimo de 500 reis diários para os homens e de 200 reis para as mulheres. E a Fábrica Nova comprometeu-se a contribuir com 400 mil reis anuais para apoiar o cofre de uma associação beneficente a constituir, e para a qual todos os operários seriam obrigados a contribuir, que iria apoiar os operários na doença e quando já não pudessem trabalhar.

O incidente do assalto à Fábrica Nova marcou Oliveira Júnior. Deu-lhe força para lutar, ainda mais, pelos direitos e proteção dos trabalhadores e dos desvalidos, fosse no seu papel de industrial ou de vereador da

Câmara Municipal de Oliveira de Azeméis, na altura sede do concelho. Contribuiu para a criação do primeiro hospital e aparecimento da Santa Casa da Misericórdia de S. João da Madeira. Aos 58 anos e já afastado dos negócios, torna-se o seu primeiro provedor, lugar que manteve até à sua morte aos 70 anos. Destaca-se a doação que fez para a criação do Asilo - Creche Santo António, diz-se que este pai de cinco filhos dividiu a herança por um sexto, a Santa Casa, a quem tratou por igual.





## TROFA

### A LUZ DA COBRACEIRA

A estrela cadente iluminava o céu com um traço de luz. O meteorito estava a entrar na atmosfera terrestre a centenas de milhares de quilómetros por hora e estava a sofrer uma travagem violenta. Para um corpo a essa velocidade as camadas de ar que envolvem a terra funcionavam como um embate numa parede de concreto. O atrito com os gases elevou a temperatura do meteorito fazendo-o começar a desintegrar-se num show de estrelas cadentes. Quatro fragmentos sobreviveram e caíram na direção de Portugal. Um caiu em Odemira, outro em Ponte da Barca, outro em Álcacer do Sal, e o último em Santiago de Bougado na Trofa. Quando os fragmentos por fim atingiram o solo a sua velocidade já tinha sido reduzida para poucas centenas de quilómetros por hora, o que evitou a sua destruição. Os fragmentos enterraram-se no solo ficando perto da superfície.

O meteorito tinha servido de meio de transporte para uma forma de vida. Eram seres com um metabolismo lento que os fazia durarem centenas de milhares de anos, e com uma inteligência diferente, preguiçosa, que só era periodicamente estimulada e quando isso acontecia tornavam-se cintilantes. A mudança brusca de temperatura colocou-os numa espécie de hibernação.

Em S. Tiago de Bougado quase todos dormiam. Julião levantou-se pouco passava da meia noite. Isto tinha de ser feito pela calada da noite. A sua disputa com o vizinho relativamente à posse da Azenha dos Frades na Maganha do rio Ave, que já se arrastava há anos, podia agora por fim ser resolvida, bastava-lhe para isso mover dez metros o marco que marcava o limite da sua propriedade. O vizinho acabava de morrer de pneumonia e os herdeiros só chegariam no dia seguinte, para o funeral. O marco encontrava-se sensivelmente a meio dos limites da Azenha dos Frades pelo que se o arrastasse dez metros não subsistiriam dúvidas de que a azenha lhe pertencia. Os herdeiros eram gente da cidade, seriam

de certeza orgulhosos e manteriam distância das gentes da terra. Iriam somente medir os terrenos e colocá-los à venda. Tinha a certeza que ninguém o denunciaria, mas era preferível fazer isto de tal forma que todos pudessem fingir que não sabiam o que tinha acontecido. Mudar marcos para roubar terrenos era um tema sensível entre as gentes da terra, poucos crimes causavam mais reprovação e ele não queria tornar-se um pária. Vestiu-se, sem acender a luz, e munido de uma pá, um carrinho de mão e uma corda colocou-se a caminho. Tinha oleado o eixo da roda do carrinho de mão com gordura de porco para não chiar pelo que ninguém o ouvia.

Chegado à Azenha dos Frades dirigiu-se de imediato ao marco. Existia um bocadinho de luar o que lhe permitia trabalhar sem ter de acender uma luz que o denunciasse. Desenterrou o marco e depois de algum esforço conseguiu colocá-lo no carrinho. Apesar da distância ser curta começou a prendê-lo com a corda ao carrinho para não correr o risco de ele cair e rolar pela encosta inclinada. De repente algo se desprende do solo que acabava de escavar. Uma luz bruxuleante, pouco mais brilhante que uma vela de cera, aproximou-se dele e algo nela fê-lo sentir que a chama estava viva e o estava a observar. Entrou em pânico, tentou fugir, tropeçou no carrinho e ele e o carrinho com o marco deslizaram pela encosta abaixo e foram parar ao rio Ave. Julião nunca tinha aprendido a nadar, por mais que se debatesse e tentasse aproximar-se da margem não o conseguiu. A última imagem que viu quando o terror tomou conta dele e soube que se ia afogar foi a imagem da luz a brilhar poucos pés acima da sua cabeça.

O ser, despertado quando Julião removeu o marco, curioso desta forma de vida desconhecida tinha-se aproximado para a observar. Sentiu e absorveu o terror de Julião, quando se aproximou demasiado, viu-o cair ao rio e a vida a abandoná-lo à medida que se afogava. De

uma forma subtil sentiu que se tinha aproximado demasiado e que não devia voltar a fazê-lo e ao mesmo tempo preocupou-se com a morte de Julião e percebeu que tinha sido causada pela queda no rio. Sem verdadeiramente exprimir essa preocupação em pensamento resolveu que tudo faria para evitar que outros seres semelhantes ao Julião, cuja vida vibrante conseguia detetar em redor daquele lugar, sofressem o mesmo destino. Recorrendo a uma espécie de telepatia comunicou com os seus congêneres que se encontravam em Odemira, Ponte da Barca e Álcacer do Sal, transmitindo-lhes a mesma preocupação.

No dia seguinte, o corpo de Julião foi recuperado na margem do rio uns quilómetros mais abaixo. O marco, o carrinho e a pá tinham-se afundado no rio pelo que ninguém percebeu o que tinha acontecido. Mas o desaparecimento do marco foi notado e de alguma forma associado à morte de Julião, porque a partir dessa data, sempre que alguém depois de escurecer se aproximava da zona era seguido por uma luz que mais parecia uma chama de vela. A luz não se aproximava mas, ora mais devagar ora mais rápida, deslizava a pouca distância da superfície das águas, junto da margem, acompanhando o trajeto do caminhante. Este, estivesse sozinho ou acompanhado, por alguma razão que não sabia exprimir não se assustava, sentia que a luz estava a velar para que nada lhe acontecesse. Dela emanava uma serenidade que confortava e incutia respeito em quem a visse. Alguns acreditavam que era a alma de Julião, outros que não era o Julião, mas sim uma alma penada que não conseguia encontrar repouso no outro mundo. Como a luz tinha começado a aparecer perto do outeiro da Cobraceira começaram a chamar-lhe a Luz da Cobraceira.

Passou-se um século e a vida destes seres de outro mundo chegou ao fim e desapareceram na noite. Mas, enquanto viveram, protegeram os caminhantes noturnos, fazendo com que estes tivessem luz suficiente para poderem andar sem correrem o risco de caírem e afogarem-se.







## VALE DE CAMBRA O TESOURO DO OUTEIRO DOS RISCOS

Estava-se perto do meio dia do solstício de verão no dia de S. João e a estranha procissão ofegava sob o calor abrasador do sol. À frente ia o pároco da freguesia de Cepelos, em Vale de Cambra. Era seguido por um conjunto de sete homens, com ar estrangeiro, com roupa pouco adequada ao clima da região. Logo atrás ia um grupo de homens da freguesia, a conduzir um conjunto de mulas carregadas com equipamento fotográfico, mas com muitos alforques vazios. Por fim, um pouco mais afastado, seguia uma boa parte da população da freguesia, curiosa, a ver no que aquilo ia dar. Os rumores eram muitos, quase todos eles de uma forma ou outra mencionavam um tesouro.

Tudo começara em 1929. Luigi, da biblioteca do Vaticano, membro do Institut International d'Anthropologie (IIA), participante assíduo no Congrès International d'Anthropologie et d'Archéologie Préhistoriques (CIAAP), decodificou num manuscrito antigo a descrição de um tesouro escondido num outeiro em Portugal em Vale de Cambra. A descrição estava propositadamente incompleta, não identificando a localização precisa do outeiro. A chave para se ter acesso a esse tesouro seria um breviário bracarense que estaria na posse do cônego Soeiro. Luigi achou a informação escassa, mas por coincidência o 4º encontro do IIA e o 15º CIAAP iam em 1930 pela primeira vez ser realizados em conjunto em Portugal, no Porto e em Coimbra. Isso justificava uma ida a Portugal. Luigi chegou mais cedo de modo a ter tempo de fazer a viagem até Braga onde tinha combinado encontrar-se com o cônego Soeiro. Pediu emprestado o breviário, e dele tentou inferir o que tinha de ser feito, mas uma parte do puzzle e a localização do outeiro continuavam a escapar-lhe. Pagou para que lhe fizessem uma cópia da parte do breviário que lhe interessava e foi assistir ao congresso. A seguir a uma sessão especialmente monótona, em que se sentira começar a dormir, ouviu anunciar que a próxima comunicação, da autoria de Alberto Souto, dizia respeito a um outeiro

de Vale de Cambra, o Outeiro dos Riscos, que pela primeira vez ia ser apresentado à comunidade científica. Com os sentidos completamente despertos Luigi ouviu a comunicação e de repente fez-se luz, já sabia o que tinha de fazer. Regressou a Itália, à espera do momento certo, o solstício de verão. Porém, um problema grave de saúde manteve-o em Itália durante uma dezena de anos, demasiado fraco para viajar. Quando se sentiu melhor começou a planear a viagem, sabendo que seria bom disfarçar o seu verdadeiro objetivo. Entretanto o Outeiro dos Riscos tinha começado a ser conhecido. Luigi sabia que os editores da Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira pretendiam enviar uma comitiva ao Outeiros dos Riscos para fazer o registo fotográfico para a entrada na enciclopédia. Dado as suas credenciais foi-lhe fácil oferecer-se para ser ele a realizar esse trabalho. Deslocou-se de novo a Portugal, desta vez acompanhado por seis homens de confiança, robustos e prontos a tudo, quer fossem ameaças deste mundo quer do outro.

O tesouro estava escondido em Cepelos no Outeiro dos Riscos. Luigi e a sua equipa tinham chegado uma semana antes, de modo a habituares-se à região e fazerem o reconhecimento do terreno. Já tinha ido duas vezes ao Outeiro dos Riscos, uma vez acompanhado por um guia da região, a segunda vez sozinho. Do topo do outeiro, um afloramento granítico que se situa a meia encosta da vertente ocidental da Serra do Arestal, tinha-se uma vista magnífica tornada ainda mais surpreendente ao pôr-do-sol. Podia-se observar a aridez de São Pedro Velho, lá no alto da Serra de Freita, a Frecha da Mizarela, a queda de água do rio Caima, e o vale fértil onde se juntam os rios Vígues e Caima. Finalmente, continuando a descer o olhar para oeste, a ria e o mar. O guia tinha-lhe contado a história das marcas no outeiro, explicando-lhe que as marcas tinham sido feitas por uma moura encantada, e que no interior se encontrava um tesouro com um pote de ouro protegido por

grades também de ouro. Luigi ouviu em silêncio. Sabia que não era bem assim. O manuscrito do Vaticano falava num povo robusto, de pequena estatura, descendente de celtas, visigodos, gregos e mouros, que vivia da guerra e se tinha convertido ao cristianismo. Tinham recolhido um grande tesouro, que tinham enterrado. Marcaram na rocha do Outeiro dos Riscos uma parte da chave para a sua localização, o restante tinha sido confiado ao manuscrito que um pároco tinha feito chegar ao Vaticano, e que tinha ido parar à biblioteca, sem que antes de Luigi alguém se tivesse apercebido da sua importância, até porque era também necessário acesso ao breviário bracarense.

A face do penedo do Outeiro dos Riscos virada a este, onde estavam as marcas, encerrava um anfiteatro natural, de domínio visual muito limitado. Luigi notou que a superfície decorada, parecia servir como uma espécie de pano de fundo ou palco a este anfiteatro. As marcas no outeiro eram exclusivamente geométricas, dominando as combinações circulares, particularmente conjuntos de círculos concêntricos e algumas covinhas. Ao longo do dia a luz rasante do sol ia apagando e iluminando sucessivamente os grupos de círculos concêntricos. Luigi tinha observado, entre outras marcas, grupos de três círculos, quatro círculos, composições mais elaboradas com dois e três círculos concêntricos, um círculo simples com seis apêndices radiais interiores, e um círculo envolvendo duas linhas perpendiculares. A luz do sol varrendo o penedo criava um jogo de luz fascinante.

Aproximava-se a hora. Luigi, seguindo as indicações do manuscrito, indicou ao pároco em que ponto exato se devia colocar e depois esperaram pacientemente até que no sino da torre da igreja soassem as badaladas do meio dia. O pároco começou a ler em voz pausada o sermão que se encontrava no extrato do breviário bracarense do cônego Soeiro. Segundo o manuscrito o texto tinha de ser lido naquele preciso

local, ao meio dia do solstício de verão, por um pároco da região, que lesse com o ritmo próprio das pessoas da região, e o pároco tinha de medir exatamente seis pés de altura. Tinham conseguido isso à custa de uns socos e um chapéu. Quando o pároco chegou ao fim do primeiro capítulo do sermão, Luigi olhou para o grupo de círculos concêntricos que a extremidade da sombra do pároco nesse instante marcava, e mandou um dos seus homens colocar-se no seu centro. O pároco continuou a ler e o sol a mover-se no horizonte. Quando chegou ao fim do segundo capítulo do sermão Luigi fez sinal ao segundo homem para se colocar no centro do grupo de círculos que nesse momento estava a ser marcado pela sombra do pároco. Agora tinham de esperar pelo fim do sermão. O pároco terminou dizendo:

- ... o cabeça abriu-se e via-se muita coisa lá dentro e o homem que o acompanhava disse ‘Ai que a bengala de ouro é para mim’ e atirou-se para dentro do cabeça que se fechou com um grande estrondo. Passado um pouco o cabeça abriu-se de novo e o demónio perguntou: ‘Olha lá, tu quere-lo como ele foi ou quere-lo como ele está?’, ao que S. Tiago respondeu ‘Eu quero-o como ele foi’, e assim o homem veio conforme estava e o cabeça fechou-se e nunca mais se abriu. S. Tiago perguntou ao homem que o acompanhava ‘Olha lá, como é que lá estavas?’ e o homem respondeu ‘Eu estava num canto carregado de ferros, carregado de coisas e não saía de lá mais’.

Com esta frase o pároco terminou. Luigi indicou ao terceiro homem que se dirigisse para o centro do círculo que nesse momento estava a ser apontado pela sombra do pároco. Agora só tinham de fazer contas. Segundo o manuscrito o local que pretendiam encontrava-se a uma profundidade de sete pés no alinhamento da sombra que o pároco projetava neste momento, a uma distância igual ao perímetro do triângulo formado pelos três homens, multiplicado pelo número total de círculos



concêntricos que se encontravam nos três vértices do triângulo, e depois esse número devia ser colocado ao quadrado. Luigi passou uma corda à volta dos três homens e cortou-a rente para marcar o perímetro do triângulo. Depois ficou à espera. Foi cansativo esperar mais uma hora debaixo do sol escaldante, mas o subterfúgio era necessário. Quando a hora passou Luigi virou-se para o pároco e disse-lhe que a cerimónia tinha falhado e que o cabeçaço não se ia abrir nem iam poder levar o tesouro. O pároco olhou para ele em silêncio. Nunca tinha acreditado que o cabeçaço se fosse abrir por ele ler o texto do sermão do breviário, mas tinha aceite fazer parte da cerimónia uma vez que só tinha que ler um texto religioso e ia ser bem pago. Luigi tinha-lhe pago em prata uma quantia suficiente para ele poder reparar o teto da igreja e poder apoiar os membros mais pobres do seu rebanho durante uma dezena de anos. O pároco sabia que ter aceite participar naquela aventura ia fazer disparar na região o número de histórias pagãs de demónios e mouras encantadas, mas tinha sido por uma boa causa. Sem dizer palavra virou costas e regressou à aldeia seguido de perto pelos homens das mulas que tinham sido pagos e dispensados, e envolvido pela população ruidosa que discutia aquilo que tinha presenciado. Muitos não se calavam com a história da bengala de ouro embora estivessem desolados por o cabeçaço não se ter aberto.

Os sete homens ficaram para trás debaixo da justificação de fotografarem o Outeiro dos Riscos para a enciclopédia. Enquanto os restantes tiravam fotografias, Luigi calculou o comprimento da corda, e a seguir começou laboriosamente num pergaminho que tinha trazido consigo a fazer contas. Multiplicou o comprimento da corda pelo número total de círculos concêntricos que se encontravam nos três vértices do triângulo e a seguir agarrou no resultado e multiplicou-o por ele próprio de modo a obter o valor ao quadrado. Luigi nunca tinha tido jeito para o cálculo

pelo que teve de repetir as contas três vezes antes de estar confiante de ter obtido o valor certo. Converteu o comprimento em passos e lá foram pela encosta abaixo contando os passos. Chegaram ao local. Era uma pequena extensão de terra batida num lugar ermo cercado por rochas. Começaram a cavar usando as armas e ferramentas que tinham consigo. Passada uma hora ouviu-se o som metálico da adaga a bater numa caixa. Retiraram-na e olharam para o seu interior. Continha uns fragmentos de tecido à volta de um conjunto de ossos. Aí Luigi viu que o grande tesouro era uma relíquia. Ainda não sabia do que se tratava embora tivesse uma suspeita, mas estava confiante que acabaria por descobrir a verdade. Agora só lhe faltava regressar a casa e colocar a relíquia debaixo da proteção do Vaticano.



## VALONGO A LOUSA QUE ADORAVA VIAJAR

Há mais de 500 milhões de anos, o território que hoje é Valongo encontrava-se submerso por um mar de águas pouco profundas. Era habitado por uma série de criaturas marinhas, de que se destacam as trilobites, extintas devido a uma glaciação. Os constantes movimentos da crosta terrestre, associados a altas temperaturas e pressões, fizeram com que os fundos marinhos argilosos se transformassem em lousa, trazendo-a até à luz do dia, recheada com os fósseis dos organismos que tinham vivido nesses mares. Estas constantes convulsões da crosta terrestre deram origem ao anticlinal de Valongo, há cerca de 350 milhões de anos. O levantamento da superfície marinha originou elevações de terreno, provocando a fraturação das rochas mais duras por onde ascenderam fluidos ricos em ouro, que se mineralizaram.

Estas riquezas geológicas atraíram os romanos na sua procura incessante de ouro. Os ricos filões de quartzo aurífero que afloravam à superfície puxaram os exploradores para as entranhas da terra. As serras ainda hoje testemunham essa época através dos vestígios que se podem encontrar, sobretudo poços e galerias a que chamam fojos. Para além do precioso metal dourado, as serras forneciam a madeira e a lousa que eram usadas para os mais variados fins. Com a descida a cada vez maior profundidade, as dificuldades na extração desta riqueza aumentaram e no séc. IV d.C. os romanos decidiram abandonar o nosso território. Esta fuga era ainda mais premente, porque estavam a ser pressionados por povos invasores e foi no desabafo ocorrido nesta fuga por um vale longo, que parecia não ter fim, que nasceu o topónimo Valongo (Vallis Longus).

No séc. VII os muçulmanos fixaram-se na Península Ibérica e quando chegaram ao Norte fixaram-se nas serras de Valongo, a que chamaram de Cucamacuca, para continuarem a explorar o tão apreciado ouro. A sua vida decorria sem sobressaltos de maior, havendo uma boa vizinhança com outras comunidades, apesar das diferenças culturais que os

distinguiam. Não muito longe de Valongo, na zona que hoje é Sobrado, vivia uma tribo cristã conhecida por Bugios. Viviam nas planuras férteis do Rio Ferreira, que com as suas imensas curvas e contracurvas irrigava amplas áreas de cultivo, permitindo assim uma agricultura variada, complementada pela pastorícia de animais de pequeno porte e pelo fabrico artesanal de vários bens.

Um dia, um dos membros da comunidade muçulmana, chamado Abdul decidiu aventurar-se pelas serras, numa viagem de contemplação das belezas com que o Criador tinha bafejado estes territórios. Depois de muito caminhar estava cansado e com muito calor, pelo que a vista de um riacho rumorejante lhe pareceu uma resposta às suas preces. Depois de matar a sede, reparou numa forma estranha que brilhava sob as águas cristalinas. Era uma placa de forma retangular, de cor escura e muito lisa, quase parecendo um espelho. Retirou-a da água e para seu espanto ela começou a secar e a perder o brilho, sob o sol de verão, tornando-se cinzenta. Como era um apaixonado por tudo o que o rodeava, tinha o hábito de guardar pequenas recordações das suas viagens, para mais tarde lembrar os bons momentos passados. Da pequena bolsa de couro que trazia sempre consigo, retirou um fragmento de telha e começou a desenhar formas geométricas na superfície do seu novo achado. Este mais não era do que um fragmento de lousa, que se tinha destacado de um bloco, tendo sido polido pela areia arrastada pela água do regato. Mais se encantou quando, depois de um traço mal feito ter estragado a composição, perceber que bastava passar os dedos para que desaparecesse, permitindo retificar e acrescentar um novo.

Estava tão deliciado com esta nova descoberta que se levantou repentinamente e sem ver onde colocava os pés, escorregou na erva molhada da borda do regato e rebolou encosta abaixo, sem nunca ter largado a sua nova descoberta, bem apertada junto ao peito e protegida pelos bra-



ços cruzados. Aturdido e ainda sem se levantar, tentava perceber o que tinha acontecido, quando viu uma moça debruçar-se sobre ele, para ver se estava ferido. Como verificou que nada de grave lhe tinha sucedido, ajudou-o a levantar-se e ofereceu-se para lhe tratar alguns arranhões provocados pela queda.

A jovem era filha do chefe da comunidade de Bugios, a que todos respeitadamente designavam por Velho, dada a sua sabedoria em relação a muitos assuntos. Susana, assim se chamava a moça, esmagou algumas das ervas que andava a recolher e colocou-as sobre as feridas, tendo ele sentido alívio imediato. Começaram a conversar, falando ela das propriedades curativas das plantas da Serra e ele da lousa que tinha acabado de encontrar e das suas propriedades, sem contudo se ter identificado como filho do chefe dos mourisqueiros, conhecido por Reimoeiro. Continuaram a encontrar-se, estando cada vez mais encantado com a beleza e sabedoria da sua nova amiga. Mesmo sabendo que ia contra os princípios da sua religião, começou a reproduzir as suas doces feições na lousa, de que nunca mais se tinha separado, para que quando estivesse longe a pudesse recordar.

Poucos meses depois, a irmã de Abdul ficou doente e nem os melhores especialistas a conseguiam curar. A família desesperava e o Reimoeiro soube que os bugios tinham uma imagem milagrosa de S. João, que noutra ocasião já tinha curado a irmã mais nova de Susana. Dadas as boas relações com as tribos vizinhas, pediu-a emprestada, no que foi atendido. A imagem foi colocada junto da princesa moura, mas esta não melhorava e o Reimoeiro, seu pai, que era de temperamento desconfiado, começou a achar que talvez o Velho lhe tivesse emprestado uma imagem falsa.

Abdul, com medo de perder a irmã, falou com Susana, confessando-lhe quem era e pediu a sua ajuda. Susana explicou-lhe que a imagem

do santo tinha ajudado a irmã que era muito crente, dando-lhe ânimo e vontade de superar a doença, mas que ela tinha ajudado ao dar-lhe chás feito com plantas da Serra. Abdul pediu-lhe esse chá para tentar ajudar a sua própria irmã e, depois de lho ter dado algumas vezes, as melhoras não se fizeram tardar. Toda a família estava feliz e o Reimoeiro convidou os bugios para uma grande festa de agradecimento. Os especialistas de Reimoeiro, com medo de perder a sua influência junto ao rei, começaram a insinuar que os bugios tinham agido com segundas intenções. O que realmente queriam era ter uma hipótese de ir à festa, para se apoderarem do ouro. Este, que era facilmente influenciável, acreditou e para mostrar a sua superioridade e marcar posição mandou que fossem servidos restos da refeição aos bugios. O Velho ficou triste e sentiu-se desconsiderado, acusando o Reimoeiro de ingratidão. A troca de palavras foi dura e rapidamente a situação escalou, tendo passado das palavras aos atos. Abdul temeu pela vida de Susana, de quem muito gostava e estava mais agradecido por ter salvo a sua irmã. Levou-a para fora do castelo, assim como a lousa onde secretamente tinha desenhado a cena dela a ajudá-lo após a queda onde se conheceram, com a qual pretendia presenteá-la no fim da festa, como forma de agradecimento. No meio da confusão perdeu a lousa, que nunca mais conseguiu encontrar. A contenda entre bugios e mourisqueiros continuou, mas os dois amigos nunca se separaram.

Passaram-se cinco séculos... Na freguesia de São Martinho do Campo, João Gonçalves vivia e trabalhava de sol a sol num “casal”, designação dada a uma pequena propriedade arrendada aos monges, que estava em vias de perder, por falta de meios para pagar o aluguer. Quem recolhia as rendas era um tal Diogo, conhecido como “Rapador”, porque todos os agricultores iam vendo o fundo às caixas onde guardavam as suas economias, à medida que ele lhes cobrava cada vez mais impostos. Sem



ninguém saber, Diogo aproveitava-se da ignorância dos agricultores face aos câmbios da velha para a nova moeda, para ficar com uma parte das rendas em dinheiro.

No dia da cobrança da renda passava por Campo um almocreve, de nome Melchior, que pretendia comprar pão meado e biscoitos. Ouviu a conversa entre o caseiro e o recoletor de rendas e percebeu que João estava a ser enganado, avisando-o. Diogo negou e, aí, Melchior puxou da lousa, que tinha encontrado numa das suas travessias pela serra, e nela fez as contas corretamente. A explicação teve de ser feita nas costas da lousa porque a frente estava coberta por um belo desenho, que os séculos tinham gravado permanentemente, como agradecimento a um ato de bondade para com uma desconhecida. Ao ser confrontado, Diogo pediu desculpa e foi-se embora, desta vez só com o valor verdadeiramente devido, maldizendo Melchior e a sua lousa. João agradeceu ao almocreve por este o ter ajudado e, como reconhecimento, iria vender-lhe pão e biscoitos a um bom preço, tendo este deixado ficar a lousa como recordação.

Mais 500 anos passaram... Os habitantes de São Martinho do Campo mantinham uma contenda com os de Santo André de Sobrado por causa da partilha da água do rio Ferreira, que mal dava para regar os campos e ainda tinha que ser usada para mover as mós dos moinhos. Sem o trabalho dos moleiros não haveria farinha e a fome instalar-se-ia. A regra da partilha da água tinha passado de geração em geração, mas com o passar do tempo mudavam-se as vontades. Era preciso que todos estivessem de acordo e fixassem definitivamente as regras de partilha de um bem tão precioso. Fizeram uma reunião entre todos os interessados, acordando na fixação das datas, tempos de rega dos campos e desvio para os moinhos. Só era preciso escrever e eis senão quando alguém sugeriu uma antiga lousa, que estava na posse da família há muitos anos,

e que tinha um desenho de uma linda jovem, que a partir daquele momento velaria pelo seu cumprimento.

Mais 300 anos passaram e com eles muita coisa mudou... Um rapaz muito habilidoso, chamado José, passa parte do seu tempo livre a desenhar e a fazer bonecos, nos mais diversos materiais, para entreter os mais pequenos, inspirado por um belo desenho numa lousa que está na sua família há gerações. A agricultura não rende o suficiente e ele, como tantos outros homens, vê-se forçado a ir trabalhar para as pedreiras de lousa, para ajudar ao sustento da numerosa família. Os anos 30 do séc. xx são de crise global e os despedimentos não se fazem esperar. Toda a família se muda para um local encravado entre Ermesinde e Alfena, onde está a surgir um novo meio de vida, o fabrico de brinquedos de madeira e folha metálica. A sua habilidade não passa despercebida e vai subindo de posto na oficina onde trabalha, graças ao seu empenho. As suas ideias levam-no a criar novos modelos e sistemas de movimento, sempre sob a proteção da linda menina desenhada na lousa.

Estando um dia a trabalhar na sua oficina, recebe a visita de uma família que quer comprar brinquedos para dar aos filhos, no Natal. A filha mais velha do casal é excecionalmente bonita e muito parecida com a menina retratada na lousa. Ele não consegue tirar os olhos dela e ela fica encantada com as maravilhas que saem das suas mãos. A atração é mútua e pouco tempo depois estão a encontrar-se às escondidas porque a família dela não aprova o relacionamento. A jovem rapariga chama-se Rita e é muito devota da santa que inspirou o seu nome, por ser advogada das causas impossíveis! Eles pedem à Santa que os ajude a ficar juntos e acabam por ver o seu desejo concretizado, casando-se na Igreja que lhe é dedicada em Ermesinde. Em vez de oferecerem o ramo de noiva, oferecem a lousa com a imagem de Susana, que mais parecia irmã da noiva tais as parecenças... e que José achava ter vindo



das profundezas do tempo para lhe dar a conhecer a sua amada, que ele queria proteger de qualquer mal...



## VILA DO CONDE O MILAGRE DE BERENGÁRIA

Em 1194 nasceu Clara de Assis. Filha mais velha de Hortolana e Bernardino, uma família nobre da cidade de Assis na Itália, desde pequena que mostrava caridade e respeito para com os mais fracos. Inspirada pela pobreza evangélica de São Francisco de Assis, foi tomada pelo desejo irresistível de o seguir. Enfrentando a oposição da família, que pretendia arranjar-lhe um casamento vantajoso, aos dezoito anos Clara abandonou o lar e foi ao encontro de São Francisco de Assis. Fundou em 1212 o ramo feminino da Ordem Franciscana, a chamada Ordem de Santa Clara, também conhecido por “Damas Pobres” ou Clarissas. Nos quarenta e dois anos que se seguiram até à sua morte, praticou o ideal da mais estrita pobreza, da clausura e da contemplação. Foi canonizada dois anos depois da sua morte, passando a ser Santa Clara de Assis.

Em 1318 foi fundado em Vila do Conde o Convento de Santa Clara pelo filho bastardo de D. Dinis, D. Afonso Sanches, e sua mulher D. Teresa Martins. Foi doado às Clarissas com a finalidade de recolher filhas da nobreza menos abastada. Na Carta de Fundação do convento são dados grandes privilégios à abadessa, e determina-se que o convento tenha quatro capelães, com a obrigação de rezarem missas na capela, uma pelo rei D. Dinis, outra por D. Afonso Sanches e Teresa Martins. Fazendo parte das Clarissas as monjas deveriam ser humildes, respeitadoras, e praticarem o ideal da pobreza evangélica. Só que, sendo de origem fidalga, orgulhosas do seu estatuto social, ao longo dos anos os hábitos religiosos foram relaxando-se pouco a pouco, afastando-se dos ideais das Clarissas. As monjas começaram a recusar-se a fazer os trabalhos que achavam menos dignos, considerando que esses trabalhos só eram próprios para as serviçais, e começaram a preocupar-se mais com a procura de privilégios e com as intrigas do convento do que com os seus deveres religiosos. Neste Convento de Santa Clara o cargo de



abadessa era vitalício, sendo a abadessa eleita por voto secreto de entre as monjas do convento.

A abadessa bem tentava levá-las a mudarem de atitude, mas sem sucesso. Um dia confiou num dos seus capelães, dizendo-lhe que se sentia cansada e doente, que dentro em breve se iria juntar ao Senhor, e que temia pelo futuro do convento pois achava que nenhuma das monjas com potencial para ser eleita era digna de estar à frente do convento. O capelão, que era amigo de Vasco Ferraz, juiz e vereador da cidade do Porto e um dos escolhidos em 1385 por D. João I como representante do Povo para o seu Conselho do Rei, um dia manifestou essa preocupação a Vasco Ferraz. Este, depois de pensar no assunto, mandou-o a Entre-os-Rios em Penafiel, falar com a sua irmã Berengária.

Berengária, que desde cedo se tinha interessado pela vida religiosa, tinha professado no Convento de Santa Clara do Torrão em Entre-os-Rios, onde agora era abadessa. Recebeu o capelão amigo do irmão, e depois de o ouvir, pensou um pouco, e explicou-lhe que o que as monjas estavam a precisar era, da mesma forma que Clara de Assis, de um exemplo que as inspirasse e pudessem seguir. Disse-lhe que o convento onde se encontrava tinha os assuntos em ordem, que na verdade o seu trabalho neste convento já estava feito, e ofereceu-se para abdicar do cargo de abadessa e entrar no Convento de Santa Clara de Vila do Conde como simples noviça. Com a ajuda do capelão assim fez, sem ninguém adivinhar que Berengária era a ex-abadessa do Convento de Santa Clara do Torrão.

Ao contrário das restantes monjas, Berengária era de natureza humilde e sentia prazer em executar as tarefas que as outras desprezavam. Tentando dar o exemplo, para além das tarefas que lhe competiam, todas as manhãs ajudava a limpar as celas das irmãs mais velhas ou doentes e tentava animá-las nos seus momentos de fraqueza e solidão. Trabalhava

de sol a sol, nenhuma tarefa era demasiado insignificante para que ela a fizesse, sempre com boa disposição e uma palavra de carinho. Só que, ao contrário do que esperava, o seu exemplo não inspirou as restantes monjas, antes pelo contrário, consideravam-na uma tonta que se comportava como uma serviçal, riam-se dela nas suas costas.

Os meses foram-se passando e a abadessa foi ficando cada vez mais fraca até acabar por morrer. As monjas já se tinham organizado a planear a eleição da próxima abadessa. Acabaram por se dividir em dois campos antagónicos, as que apoiavam a irmã Sepúlveda e as que apoiavam a irmã Noronha. Ambos os campos tinham as suas apoiantes fervorosas, e existiam algumas indecisas. Estando os apoios mais ou menos equilibrados, quer a irmã Sepúlveda quer a irmã Noronha sabiam que a eleição ia ser decidida pelas indecisas. O problema era que os favores que podiam dispensar, nomeadamente os cargos muito cobiçados de ecónoma, tesoureira, vigilante, escrivã, e mestre das noviças já tinham sido prometidos às suas apoiantes. É claro que ambas sabiam que poderiam prometer os cargos a mais do que uma pessoa e que depois de ganharem a eleição poderiam inventar uma desculpa para voltarem atrás com a sua palavra, mas essa atitude no fundo repugnava-as, sabiam que os fins não justificavam os meios.

Berengária era desprezada por todas e considerada pobre de espírito e inofensiva, pelo que as monjas não se coíbiavam de discutir estratégias na sua presença. Percebendo que a sua tentativa de liderar pelo exemplo estava a falhar, foi rezar para a capela pedindo inspiração. Já eram altas horas da noite, faltava um mês para a eleição, quando por fim percebeu o que tinha de fazer. Na manhã seguinte foi falar com o capelão que anteriormente lhe tinha pedido ajuda, este aceitou fazer o que ela lhe pediu. O capelão foi falar com uma das irmãs doentes, apoiantes da irmã Sepúlveda, e aproveitando o facto desta se lamentar que a irmã

Sepúlveda podia perder a eleição por causa das indecisas, explicou-lhe o estrategema dos votos loucos que às vezes se usava na eleição da abadessa para avaliar de que lado pendiam os ventos. Sempre que uma das monjas queria tornar a eleição da abadessa nula votava no nome duma monja que era público não reunir as condições necessárias para poder ser Abadessa, por exemplo completa falta de prudência, temperança ou inteligência. Votava-se na mais néscia, se possível numa monja que já fosse considerada demente ou pelo menos pobre de espírito. A existência de um único voto louco era suficiente para invalidar a eleição, mas não sem que antes se fizesse a contagem completa dos votos. Desta forma ficava-se a saber o número de apoiantes de cada candidata, e podia-se saber quantos votos era necessário conseguir para se poder ser abadessa. Este estrategema podia ser usado mais do que uma vez, a eleição deveria repetir-se até que já não existissem mais votos loucos. O capelão após efetuar a sugestão, pediu-lhe segredo, explicando que não lhe competia a ele interferir na eleição da abadessa, mas que fizesse dessa informação o uso que entendesse, desde que não mencionasse que a ideia tinha partido dele. Seguidamente foi falar com uma irmã doente apoiente da irmã Noronha, e repetiu-lhe a mesma explicação, pedindo-lhe também segredo.

Ambas as irmãs, ufanas de terem uma solução para o problema que a todas preocupava, resolveram fazer da ideia sua e apresentaram-na no maior segredo à sua candidata preferida. Estas de imediato adotaram a ideia, e ambas concluíram que Berengária era a irmã que neste momento melhor poderia ser considerada como só sendo possível pensar nela no âmbito de um voto louco. As suas apoiantes, no maior segredo, foram assim convidadas a votar na Berengária. Acontece que as indecisas, que estavam a ser aliciadas pelas duas facções, acabaram também por ser convidadas a mostrar o seu apoio por uma dada candidata votando na Berengária. A ideia de cada facção era que os votos na Berengária

na realidade representavam votos na sua candidata, e que os restantes votos representariam votos na oposição, cuja dimensão ficaria assim a ser conhecida, e poderia ser combatida na segunda volta. É verdade que as indecisas ouviram este discurso de ambos os lados, mas como cada lado lhes pediu segredo absoluto, acharam por bem não revelar que já o tinham ouvido vindo do outro lado.

Chegou por fim o dia da eleição. Todas as monjas foram votar colocando o seu voto dentro de um cálice colocado no centro da mesa. Berengária foi uma das primeiras a votar, ajudando uma das irmãs doentes a chegar à mesa de voto, retirando-se de seguida para ir tratar das limpezas. Votaram num ambiente de grande expectativa, com as apoiantes do campo da irmã Sepúlveda curiosas em saber quantos votos iria ter a irmã Noronha sabendo de antemão que os seus votos iam manter-se secretos já que tinham sido colocados temporariamente na irmã Berengária. As apoiantes da irmã Noronha raciocinavam da mesma forma só que expectantes na quantidade de votos que iria ter a irmã Sepúlveda. Procedeu-se de seguida à contagem dos votos e para espanto dos presentes todas as monjas tinham votado em Berengária. Estabeleceu-se uma enorme confusão com algumas irmãs a dizerem que aquilo só podia ser obra do demónio e que se estava sem dúvida nenhuma na presença de votos loucos. Outras preocuparam-se mais, achando que ia ser difícil anular a eleição justificando a existência de votos loucos numa eleição em que uma candidata tinha recolhido a unanimidade dos votos. Mas todas elas foram unânimes em dizerem que nunca iriam obedecer a uma noviça tão pobre de espírito que só se satisfazia a trabalhar e a realizar as tarefas mais baixas.

Berengária ouviu as vozes das monjas a jurarem que nunca lhe obedeceriam mesmo que a eleição não pudesse ser anulada. Sentiu uma enorme tristeza, não pelo facto de dificilmente ir poder ser abadessa se todas

se recusassem obedecer-lhe, mas sim por não ter conseguido cumprir a sua missão de trazer as freiras de volta ao bom caminho. Dirigiu-se à capela e pediu perdão a Deus por ter falhado. Nesse momento sentiu-se mal, achou que devia ser fraqueza por nesse dia se ter levantado mais cedo que o habitual por causa da votação e mesmo assim não ter tido tempo para quebrar o jejum. Começou a sentir-se leve se bem que um pouco tonta, e sem saber bem porque o fazia dirigiu-se à sua cela para mudar de roupa.

As monjas mantiveram a sua discussão exaltada dos resultados da eleição. Nesse momento chegou Berengária. Tinha mudado de roupa, com um traje digno se bem que simples, respirando um ar de autoridade que as outras nunca lhe tinham visto. Mas de imediato, as monjas excitadas pela discussão que estavam a ter, a insultaram e disseram que nunca lhe obedeceriam. Berengária sentiu-se ainda mais tonta que o que se tinha sentido e voltando-se para a porta lateral que dava para as campas das sete abadessas enterradas na Casa do Capítulo disse, sentindo ao mesmo tempo que não era ela a falar, “- Minhas filhas amantíssimas que na criação bebestes o leite puro da santa obediência, agora que estas vossas irmãs se levantam contra mim e me não querem reconhecer como Abadessa deste convento, eu vos mando da parte de Deus que vos levanteis das vossas sepulturas e venhais obedecer-me”. Algumas das irmãs entreolharam-se, achando que Berengária tinha enlouquecido. Berengária voltou a repetir o apelo: “Da parte de Deus vos ordeno que vos levanteis das vossas sepulturas e me venhais prestar obediência”. Nesse momento ouve-se um grande ruído na sala ao lado, as lajes moveram-se, e para grande susto das monjas aparecem no limiar da porta os esqueletos das sete antigas abadessas, com hábitos de monja em farrapos, que se aproximaram de Berengária para lhe prestar obediência. As monjas, em pânico, perceberam que estavam na presença

de um milagre, caíram de joelhos e logo ali prometeram a Berengária obediência eterna. Esta agradeceu-lhes e mandou-as irem para as suas celas como prova de obediência, o que estas, tremendo, fizeram.

No dia seguinte a recordação que Berengária tinha dos eventos do dia anterior era um pouco fluida, mas todas as restantes monjas se lembravam de Berengária ter conjurado as abadessas mortas para lhe prestarem obediência. Tanta impressão lhes fez esta lembrança que nunca mais se recusaram a obedecer a Berengária, o que aliás era fácil dado estarem em face de uma Berengária diferente, que inspirava autoridade e se fazia naturalmente obedecer. As monjas, inspiradas por Berengária, mudaram também de atitude, começando a comportar-se como verdadeiras clarissas.

Berengária foi Abadessa do Convento de Santa Clara de Vila do Conde de 1384 até à sua morte em 1406. Uma das monjas, com talento para a pintura, pintou o quadro o “Milagre das Freiras Mortas” que foi colocado na Sacristia do Convento.







## VILA NOVA DE GAIA O REI RAMIRO E MIRA GAIA

No século X, D. Ramiro II, rei das Astúrias e de Leão, que morava num castelo em Viseu, numa excursão que fez às terras dos mouros viu a formosa Zahara, irmã de Alboazar, rei mouro que reinava a partir do castelo de Gaia, nas margens do rio Douro. Foi amor à primeira vista, e se até esse momento estava profundamente apaixonado pela sua rainha Dona Urraca, a quem, por pura coincidência, toda a gente chamava Dona Gaia, o rei tudo esqueceu, e logo ali decidiu que Zahara tinha de ser sua. Voltou para o seu castelo e com astúcia preparou e executou o rapto de Zahara. Mas, por mais que o tentasse esconder, o povo, Dona Gaia, e até Alboazar, rapidamente perceberam quem era o responsável pelo desaparecimento da formosa Zahara.

O rei passou a gastar a maior parte do seu tempo num palácio à beira mar nos braços de Zahara, enquanto que Dona Gaia, em Viseu, com o coração partido, sofria em silêncio, pensando: “Dizem que é formosa essa moura, mas tu antes dizias-me que eu era bela sem par. Sei que ela é moça e está na flor da vida mas eu apenas tenho vinte e três anos ...”

Só que não demorou muito tempo para que Alboazar, — depois de perceber que não conseguiria recuperar Zahara, por Ramiro estar sempre com ela, rodeado de um forte séquito, e tomando precauções para a eventualidade dele a tentar recuperar —, resolvesse trocar afronta por afronta.

Na calada da noite, subornando uma criada para lhe dar acesso ao castelo, Alboazar, acompanhado de seis dos seus companheiros, irrompeu pelos aposentos da rainha e logo a amordaçaram e removeram do castelo antes que alguém pudesse fazer soar o alarme. Foram perseguidos mas os mouros, habituados a estas incursões, estavam prevenidos com várias montadas de reserva, pelo que os velozes corcéis árabes rapidamente deixaram para trás os perseguidores.

Só quando estavam seguros dentro do castelo de Gaia, considerado



inexpugnável, é que Alboazar olhou com atenção para a rainha Gaia, e foi a sua vez de se perder de amores. Sendo de índole paciente não tomou Gaia pela força, mas antes foi pouco a pouco ganhando-lhe a confiança, mostrando-lhe respeito e carinho, e explicando que tinha sido forçado a esta ação repugnante pela força das circunstâncias, já que nenhum dos seus súbditos o respeitaria se ele não tivesse retaliado.

Passou-se assim um ano. O rei Ramiro, remoendo o ultraje, não pensando nem por um momento que a culpa era toda sua, foi pouco a pouco perdendo o interesse por Zahara, e, como se quer o que não se pode ter, voltou a suspirar por Dona Gaia.

Como era inteligente e maquiavélico, depois de muito remoer, acabou por conceber um plano para tentar recuperar a sua antiga rainha e amada.

Na maior discrição, não fossem os espiões de Alboazar notar o que se estava a passar, o rei Ramiro organizou um forte destacamento, e, quando os seus espiões lhe disseram que Alboazar estava numa caçada, embarcou os seus soldados em diversos pequenos barcos e, já noite cerrada, foi Douro acima. Desembarcou na Afurada num pinhal perto do castelo de Alboazar. Tiraram os barcos da água e esconderam-nos. Então o rei Ramiro mudou de roupa, disfarçando-se de peregrino e colocando umas barbas, dizendo aos seus soldados que se mantivessem escondidos, que ele ia tratar de tudo, e que só atacassem se ouvissem um búzio a soar o som de ataque, búzio esse que ele tinha sempre consigo e que usava em combate para dar ordens aos seus soldados. Nascia o dia quando esperançado o peregrino se aproximou da fonte onde sabia, à custa das informações que os seus espiões lhe tinham trazido, que a criada pessoal de Dona Gaia ia todas as manhãs buscar água fresca para a rainha. Não teve muito que esperar. A criada, que era uma escrava cristã, entabulou conversa com o peregrino, e aceitou, a troco de umas moedas, entregar um anel à rainha, dizendo-lhe que um antigo conheci-

do, que agora não era mais do que um pobre peregrino, lhe queria falar.

A rainha não reconheceu o anel, mas ficou curiosa, pelo que pediu à criada que introduzisse o peregrino no castelo. Mal este ficou só na presença da rainha, arrancou a capa de peregrino e as barbas que o desfiguravam e tentou atirar-se nos seus braços. Esta repeliu-o, atirando-lhe ao rosto a sua tração e o mal que lhe tinha feito, e que tinha sido a causa do seu desterro, estando agora uma rainha cristã a viver como prisioneira num castelo mouro. Nesse momento, ouviu-se ruído no exterior do castelo, e olhando pela janela ambos viram que, ao contrário do que estava previsto, Alboazar já estava de volta. Podia-se ver que um dos seus companheiros estava ferido e essa devia ser a razão do seu regresso.

O rei Ramiro entrou em pânico. Todo o seu cuidadoso planeamento estragado devido a um acidente de caça. Pediu ajuda à rainha para que o escondesse e ela acabou por aceitar escondê-lo num grande armário que havia no seu quarto. Pouco depois entrava Alboazar.

O que o rei Ramiro não sabia era que ao longo do ano que tinha passado Alboazar tinha pouco a pouco vencido as defesas da rainha, e que esta, em parte por solidão e em parte pelo tratamento que Alboazar lhe deu, cheio de respeito e de amor que era visível se bem que durante muito tempo inconfessado, acabou por se apaixonar por ele, pelo que eles naquele momento, se bem que isso não fosse do conhecimento comum, já viviam como marido e mulher e não como senhor e escrava.

A rainha contou a Alboazar quem estava no armário e poucos minutos depois o rei Ramiro estava nas masmorras do castelo de Gaia. Alboazar foi visitá-lo e perguntou-lhe, dado ele ser também um rei, que tratamento ele teria dado a Alboazar se as circunstâncias fossem diferentes e fosse ele Alboazar quem tivesse sido apanhado dentro do castelo de Viseu. O rei Ramiro era de espírito vivo e percebeu de imediato que a sua resposta seria a sua sentença, até porque tinha perdido o



búzio quando tinha sido capturado. Disse então que o que lhe teria feito seria organizar uma festa em sua honra, para a qual convidaria todos os soldados e restante população, e que no auge dessa festa, depois o ter deixado saciar-se, comendo e bebendo do bom e do melhor, desta forma aproveitando ao máximo a sua última refeição, o forçaria a fazer a despedida deste mundo tocando um búzio das ameias do castelo. Quando o fôlego lhe faltasse e não conseguisse continuar a tocar o búzio, seria o sinal para o carrasco o atirar das ameias do castelo para se despedaçar nas rochas em baixo. A isto Alboazar retorquiu, “Pois seja, essa será então a tua sina”.

Dito e feito. Um grande festim foi imediatamente anunciado e iniciado, as portas do castelo foram abertas para que todos pudessem usufruir e assistir, e, quando se aproximava a noite, e todos já se encontravam saciados e ligeiramente embriagados, o rei Ramiro foi convidado a subir à ameia mais alta do castelo e tocar o búzio que lhe foi fornecido. O rei Ramiro tinha fortes pulmões, pelo que foi tocando, às vezes com força para se ouvir melhor e outras vezes mais baixo para poupar o fôlego, e tanto assim foi que se conseguiu manter a tocar durante tempo suficiente para os seus soldados o ouvirem e aproveitarem as portas abertas para entrarem e tomarem o castelo de assalto. Isto foi fácil porque a guarnição estava desprevenida, sem a maioria das armas por perto, demasiado ébria e pesada do enorme e inesperado festim em que tinham acabado de participar. Todos os mouros, incluindo Alboazar, expiraram combatendo. O rei Ramiro incendiou o castelo de Gaia e acompanhado da rainha, cuja denúncia ele não tinha percebido, seguiu de volta para os barcos. Foi só quando já se encontravam nos barcos, que olhando de repente para a rainha, que mirava o castelo de Gaia com os olhos cheios de lágrimas, é que o rei Ramiro percebeu o que se tinha passado ao longo daquele ano de

ausência e que Alboazar era o amante da rainha. Tentando controlar-se perguntou:

— “Que miras tu rainha?”

— “Miro, Senhor, o local onde fui feliz e onde amei um homem, que, apesar de ser mouro, era maravilhoso.”

Aí o rei viu tudo negro, sacou da espada e dizendo “Mira então Gaia, mira Gaia, que esses olhos não terão mais que mirar”, de um só golpe cortou-lhe a cabeça e atirou o corpo ao rio.





## ***Bibliografia e Referências que serviram de base às histórias***

### **01: Arouca Rego do Boi**

- Arouca, Câmara Municipal (2010). “Lendas de Arouca”, Câmara Municipal de Arouca, ISBN 978-972-8978-06-8.
- Pignateli, Inácio Nuno (1998). “O Paiva, ou a Paiva como também lhe chamam”, Edições Afrontamento, ISBN 978-972-3604-81-8.

### **02: Espinho A Bicha de Sete Cabeças**

- Cleto, Joel (2016). “A bicha das sete cabeças”, Lendas do Porto, Volume IV, Verso da História, ISBN 978-989-8016-54-6.
- Junta de Freguesia de Silvalde (2018). “Lenda da Bicha das Sete Cabeças”, <https://web.archive.org/web/20181231212350/http://jf-silvalde.pt/historia-3/>

### **03: Gondomar O Lugar de Vale Flores**

- s/a (1995). “O Lugar de Vale Flores - A lenda do seu nome”, Lendas de Gondomar”, Câmara Municipal de Gondomar.
- Marinho, Joaquim dos Santos (1995). “O lugar de val flores”, Centro de Estudos Ataíde Oliveira, <http://www.lendarium.org/narrative/o-lugar-de-val-flores/>

- Centro Nacional de Cultura / Patrimatic (2015). “Património Material - Moinhos de Água (Arouca)”, [https://web.archive.org/web/20181231212515/http://www.e-cultura.pt/patrimonio\\_item/10144](https://web.archive.org/web/20181231212515/http://www.e-cultura.pt/patrimonio_item/10144)
- Wateau, Fabienne (2002). “Partager l’eau : Irrigation et conflits au nord-ouest du

Portugal”, Éditions de la Maison des sciences de l’homme, ISBN 978-273-51097-46.

- As cusquices de Esmoriz (2013). “A lenda da bicha de Sete Cabeças de Silvalde”, <https://web.archive.org/web/20181231211403/http://cusquicesdeesmoriz.blogspot.com/2013/05/a-lenda-da-bicha-de-sete-cabecas-de.html>

- Mésseder, João Pedro (2007). “Lenda do Lugar de Vale Flores”, Lendas de Gondomar Contadas Outra Vez, Câmara Municipal de Gondomar, ISBN 978-989-95541-0-8.

#### **04: Maia O Santo Preto**

- Campa do Preto, Associação Beneficente da (s/d). “Versos dedicados ao Santo Preto”, Gemunde - Maia.
- Campa do Preto, Associação Beneficente da (s/d). “Lenda da Campa do Preto”, CDROM, Gemunde - Maia.
- Cleto, Joel (2010). “A Campa do

Preto”, Lendas do Porto, Volume I, Verso da História, ISBN 978-989-628-216-5.

- olharopassado (2011). “Lenda da Campa do Preto”, Blog Olhar o Passado, <https://web.archive.org/web/20190101143737/https://olharopassado.blogs.sapo.pt/21275.html>

- Silva, Teixeira da (2014). “Lenda da Campa do Preto - Maia”, Farol da Nossa Terra, <http://web.archive.org/web/20190101144604/http://www.faroldanossaterra.net/2014/09/03/lenda-da-campa-do-preto-maia/>

#### **05: Matosinhos O braço do Senhor de Matosinhos**

- Cleto, Joel (2007). “Senhor de Matosinhos - Lenda, história, património”, 2a edição, Câmara Municipal de Matosinhos, ISBN 978-972-9143-45-8.
- Cleto, Joel (2010). “Santiago, Cayo Carpo e a Origem de Matosinhos”, Lendas do Porto, Volume I, Verso da História, ISBN 978-989-628-216-5.
- Cleto, Joel (2010). “Senhor de Matosinhos”, Lendas do Porto, Volume I, Verso da História, ISBN 978-989-628-216-5.
- Cleto, Joel (2012). “O burro, a igreja e o Senhor de Matosinhos”, Lendas do Porto, Volume II, Verso da História, ISBN 978-989-8016-25-6.

- Izydorczyk, Zbigniew (1997). “The Medieval Gospel of Nicodemus - Texts, Intertexts, and Contexts in Western Europe”, Medieval & Renaissance Texts & Studies, Volume 158, Arizona State University, ISBN 0-86698-198-5.
- Maniés, Alexandre Viegas (2016). “O Rosto Verdadeiro do Senhor de Matosinhos - Conservação e Restauro de uma Escultura Medieval”, Câmara Municipal de Matosinhos, ISBN 978-972-9143-80-9.
- Meakin, Annette M. B. (1909). “Galicia, the Switzerland of Spain”, Methuen & Co.
- Silva, Liliana (2011). “A Fé,

a Imagem e as Formas - A Iconografia de Talha Dourada da Igreja do Bom Jesus de Matosinhos”, Tese de Mestrado, Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

- Silva, Liliana (2013). “A Igreja do Bom Jesus de Matosinhos
- As lendas, a tradição e a realidade”, Quidnovi, ISBN 978-989-554-966-5.
- Sousa, M. T. Rodrigues de (2001). “800 Anos de Devoção - A Confraria e o Bom Jesus de Matosinhos”, Santa Casa da Misericórdia do Bom Jesus de Matosinhos, ISBN 972-95686-8-5.

#### **06: Oliveira de Azeméis La Salette**

- Amorim, Ângela (2016). “Parque de La Salette: o símbolo de Oliveira de Azeméis”, <http://web.archive.org/web/20190102122614/https://portugaldelesales.pt/parque-la-salette-simbolo-oliveira-azemeis/>
- Guedes, António César (1999). “O Parque e Santuário de La

Salette em Oliveira de Azeméis”, Caima Press Edições, ISBN 972-8410-06-9.

- Silva, Teixeira da (2014). “Tradições Populares (Crenças e Lendas) Oliveira de Azemeis”, Farol da Nossa Terra, <http://web.archive.org/web/20190102122247/http://www.faroldanossaterra.net/2014/10/29/tradicoes-populares-crencas-e-lendas-oliveira-de-azemeis/>



## **07: Paredes**

### **A Nossa Senhora do Salto**

- Coelho, Manuel Ferreira (1988). “Monografia do Concelho de Paredes: Freguesia de Aguiar de Sousa”, Câmara Municipal de Paredes.
- Global, Escola (2015). “Lenda da Nossa Senhora do Salto”, Externato Paraíso dos Pequenininhos e Colégio das Terras de Santa Maria, <http://web.archive.org/web/20190101150638/http://www.escolaglobal.org/jornalabc/?p=360>
- Paredes, Câmara Municipal de (2018). “Canhão da Senhora do Salto”, [http://web.archive.org/web/20190101150050/https://www.cm-paredes.pt/frontoffice/pages/715?poi\\_id=11](http://web.archive.org/web/20190101150050/https://www.cm-paredes.pt/frontoffice/pages/715?poi_id=11)
- Pinho, José Ferreira de (1970). “O Santuário de Nossa Senhora do Salto em Aguiar de Sousa - História e Lenda”, Secretariado Paroquial e responsáveis pela capela da Senhora do Salto, pró-manuscrito.
- Silva, Teixeira da (2014). “Lenda da Senhora do Salto – Aguiar de Sousa”, Farol da Nossa Terra, <http://web.archive.org/web/20190101150451/http://www.faroldanossaterra.net/2014/09/19/lenda-da-senhora-do-salto-aguiar-de-sousa/>

## **08: Porto**

### **Os Tripeiros**

- Beazley, C. Raymond (1895). “Prince Henry The Navigator - The Hero of Portugal and of Modern Discovery 1394-1460 A.D.”, The Knickerbocker Press.
- Cleto, Joel (2010). “A Origem dos Tripeiros”, Lendas do Porto, Volume I, Verso da História, ISBN 978-989-628-216-5.
- Cleto, Joel (2016). “O Porto, as tripas e... Lisboa”, Lendas do Porto, Volume IV, Verso da História, ISBN 978-989-8016-54-6.
- Disney, A. R. (2009). “North Africa, Beginnings: The Conquest of Ceuta”, in chapter 15 of “A History of Portugal and the Portuguese Empire - Vol. II - The Portuguese Empire, University of Cambridge Press.
- Marques, Gentil (1963). “Lenda dos Tripeiros”, Lendas de Portugal, Vol. 2 - Lendas Heróicas, Editorial Universus.
- Ramos, R.; Sousa, B. V.; Monteiro, N. G. (2009). “História de Portugal”, A Esfera dos Livros.

**09: Póvoa de Varzim  
S. Pedro de Rates  
Santo, precisa-se!**

- Azevedo, Rogério dos Santos (1941). “A Igreja de S. Pedro de Rates”, Boletim da Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, N.º 23, março de 1941, [https://www.academia.edu/7557349/A\\_IGREJA\\_DE\\_S%C3%83O\\_PEDRO\\_DE\\_RATES\\_por\\_Rog%C3%A9rio\\_dos\\_Santos\\_Azevedo](https://www.academia.edu/7557349/A_IGREJA_DE_S%C3%83O_PEDRO_DE_RATES_por_Rog%C3%A9rio_dos_Santos_Azevedo)
- Carneiro, Deolinda Maria Veloso et al (2004). “S. Pedro de Rates - Guia do Visitante”, Câmara Municipal da Póvoa de Varzim, ISBN 972-9146-38-1.
- Carneiro, Deolinda Maria Veloso (2003). “Rates (S. Pedro) - Póvoa de Varzim” em “Opera FIDEI - Obras de Fé num Museu de História - Arte Sacra do Arciprestado de Vila do Conde - Póvoa de Varzim, Câmara Municipal de Póvoa de Varzim.
- Carvalho, Jorge Miguel Santos (2016). “O Mosteiro de Santa Cruz na emergência de Portugal
- As relações com o Poder

**10: Santa Maria da Feira  
A Vingança de Lia**

- Oliveira, Ana José (2007). “Lia, a Princesa Cristã”, Contos e Lendas da Terra de Santa Maria, Câmara Municipal de Santa Maria da Feira.
- Silva, Carlos Gomes dos Santos e (1970). “O Castelo da Feira na História e na Tradição (Contos e Lendas)”, Aveiro e o seu Distrito,

Régio e com o Papado”, Tese de Mestrado, Universidade Católica Portuguesa.

- Costa, Avelino de Jesus da (1959). “O bispo D. Pedro e a organização da diocese de Braga”, 2 Volumes, Tese de Doutoramento, Universidade de Coimbra, 1959.
- Ferreira, José (2015). “São Pedro de Rates e a sua Fonte” em “Balasar no século de D. Benta”, Edição do autor, Lulu.com, ISBN 978-1326-2623-96.
- Lopes, Dinis da Silva (2006). “Monografia da freguesia de São Miguel de Laúndos”, Câmara Municipal da Póvoa do Varzim, 972-99039-1-3
- Monteiro, Manuel (1908). “S. Pedro de Rates - Com uma introdução ácerca da Architectura romanica em Portugal”, Anselmo de Moraes, <https://archive.org/details/siesanpedroderatoomont/page/n5>
- Oliveira, Miguel de (1959). “Lendas apostólicas peninsulares”. Lusitania Sacra,

Nº 9, junho de 1970, <http://web.archive.org/web/20190101160120/http://ww3.aeye.pt/avcultur/avcultur/AveiDistrito/Boletim09/Page41.htm>

- Adrifil (2018). “A Princesa do Castelo da Feira”, <http://web.archive.org/web/20190102121628/https://escritosadrifil.wordpress.com/2018/03/08/a-princesa-do-castelo-da-feira/>

Centro de Estudos de História Eclesiástica, ISSN 0076-1508, 4 (1959), págs. 7-27, <http://hdl.handle.net/10400.14/4971>

- Póvoa de Varzim, Câmara Municipal (2018). “S. Pedro de Rates - Entre a Lenda e a Tradição”, Câmara Municipal da Póvoa de Varzim, <http://web.archive.org/web/20190101155018/http://www.cm-pvarzim.pt/areas-de-atividade/turismo/conbece/as-nossa-raizes-1/historia/lendas>

- Vasconcelos, Maria da Assunção Jácome de; Araújo, António de Sousa (1986). “Bulário Bracarense - Sumários de Diplomas Pontifícios dos Séculos XI a XIX”, Arquivo Distrital de Braga / Universidade do Minho.

## **11: Santo Tirso A Fonte da Maria Velha**

- Correia, Francisco Carvalho (2008). “O Mosteiro de Santo Tirso, de 978 A 1588: A silhueta de uma entidade projectada no chão de uma história milenária”, Volume I, Estudo, Tese de Doutoramento, Universidade de Santiago de Compostela.
- Ribeiro, António Jorge (2010).

“A Vida em Santo Tirso nos anos que antecederam a República - Crónicas 1 a 20”, Comemoração do 125º Aniversário do Semanário “Jornal de Santo Thyrso”.

- Sineiro, Hilário (2013). “Lenda da Fonte da Maria Velha”, Blog, [https://web.archive.org/](https://web.archive.org/web/20190101161437/http://bilariosineiro.blogspot.com/2013/03/lenda-da-fonte-damaria-velha-apesar-ja.html)

[web/20190101161437/http://bilariosineiro.blogspot.com/2013/03/lenda-da-fonte-damaria-velha-apesar-ja.html](https://web.archive.org/web/20190101161437/http://bilariosineiro.blogspot.com/2013/03/lenda-da-fonte-damaria-velha-apesar-ja.html)

## **12: S. João da Madeira Assalto à Fábrica Nova**

- Correia, João da Silva (2003). “Unhas Negras”, 3ª edição, Câmara Municipal de S. João da Madeira.
- Costa, Luís (1987). “O Coração da Fábrica - Viagem ao mundo de Unhas Negras”, Câmara Municipal de S. João da Madeira.
- Gomes da Cruz, Stéphanie (2015). “Os usos e a produção do chapéu em Portugal – Uma experiência de mediação patrimonial no Museu da Chapelaria”. Relatório de Projeto do Mestrado em História e Património, Faculdade de Letras da Universidade do Porto.
- Lima, António; Ribeiro, Jorge

(1987). “Indústria de Chapelaria em S. João da Madeira”, Câmara Municipal de S. João da Madeira.

- Menezes, Susana (2006). “A memória do trabalho e os trabalhos da memória. O Caso do Museu da Indústria de Chapelaria”. Dissertação de Mestrado em Museologia, Cadernos de Sociomuseologia nº26-2006, Universidade Lusófona.

- Regional, O (2011). “António José de Oliveira Junior - O homem certo, no lugar certo, no tempo certo”, Os 90 anos da Santa Casa da Misericórdia. Jornal “O Regional” de S. João

da Madeira, 1 de setembro 2011, págs. 16-17.

## **13: Trofa A Luz da Cobraceira**

- António, Maria (2006). “Luz da carniceira”, Centro de Estudos Ataíde Oliveira, <http://www.lendarium.org/narrative/luz-da-carniceira-1/>
- Cesário, Gentil José (2014). “Lenda da Luz da Carniceira, ou da Caniceira” em “Lendas de Santiago do Cacém”,

Atlas do Sudoeste Português, Comunidade Intermunicipal Alentejo Litoral, <http://web.archive.org/web/20190105144818/http://www.atlas.cimal.pt/drupal/?q=en/node/294>

- Cristo, Paulo (2015). “Meados de 1809 – Vale do Tua: A Espada Do Rei”, Crónicas de

um Caçador de Vampiros, Facebook, <https://www.facebook.com/cronicasvampiros/posts/meados-de-1809-vale-do-tuaa-espada-do-reia-noite-sorradeira-e-silenciosa-aproxim/1475741516067467/>

- Marques, Napoleão Sousa (1999). “A Luz da Cobraceira - Lenda”, em “Cidade da Trofa



#### 14: Vale de Cambra O Tesouro do Outeiro dos Riscos

- Duas Comunidades... um só povo”, Livraria Editora Sòlvros de Portugal.  
- Matos, Rogério Bruno Guimarães (2011). “Património à Prova de Água - Apontamento para a Salvaguarda das Azenhas & Açudes nas margens do rio Ave Vila Nova de Famalicão/ Trofa”, Câmara Municipal de Vila Nova de Famalicão, ISBN 978-989-8012-24-1  
- Moutinho, José Viale (2002). “A luz da cobraçeira”, em “Lendas de Portugal”, Diário de Notícias, ISBN 972-9335-05-2.  
- Moutinho, José Viale (2005). “A luz da cobraçeira”, em “Portugal Lendário - O Livro de Ouro das

- Bacelar, Lara (s/d). “O Sítio com Arte Rupestre do Outeiro dos Riscos”, folheto Museu Municipal de Vale de Cambra.  
- Bacelar, Lara (2001). “Rock art and enchanted moors: the significance of rock carvings in the folklore of north-west Iberia”, in Wallis, R. J & Lymer, K. “A Permeability of Boundaries? New Approaches to the Archaeology of Art, Religion and Folklore”, BAR International Series S936  
- Bacelar, Lara (2012). “Outeiro dos Riscos”, Portal do Arqueólogo, Direção Geral do Património Cultural, <http://web.archive.org/web/20190107121752/http://arqueologia.patrimoniocultural.pt/index.php?sid=sitios.resultados&subsid=56830>

Nossas Lendas e Tradições”, Selecções do Reader’s Digest, ISBN 978-972-6094-65-4.  
- Penedo, Maria de Lurdes (2006). “Luz da carniceira”, Centro de Estudos Ataíde Oliveira, <http://web.archive.org/web/20170728052611/http://www.lendarium.org/narrative/luz-da-carniceira/?tag=1427>  
- Pereira, Magda (2007). “Lenda dos extraterrestres num infantário de Ponte da Barca”, Centro de Estudos Ataíde Oliveira, <http://www.lendarium.org/narrative/lenda-dos-extraterrestres-num-infantario-de-ponte-da-barca/>  
- Rodrigues, Alcino (1981).

[org/web/20190107121752/http://arqueologia.patrimoniocultural.pt/index.php?sid=sitios.resultados&subsid=56830](http://web/20190107121752/http://arqueologia.patrimoniocultural.pt/index.php?sid=sitios.resultados&subsid=56830)  
- Nenquin, Jacques; Bourgeois, Jean (2018). “Une Brève Histoire de L’union Internationale des Sciences Préhistoriques et Protohistoriques”, UISPP, <https://web.archive.org/web/20180902143130/https://www.uispp.org/about/history>  
- Rodrigues, Alexandre (2012). “Trebilhadoiro - Memórias de um lugar”, Câmara Municipal de Vale de Cambra.  
- Rodrigues, Alexandre (2017). “Memórias do Vale: apontamentos sobre o seu

“A Luz da Cobraçeira”, em “Misérias e Grandezas das Terras de Bougado”, I Parte, Livraria Editora Sòlvros de Portugal.

património arqueológico”, Assembleia Municipal de Vale de Cambra.  
- Rosa, Maria de Lurdes (2010). “Santos e Demónios no Portugal Medieval”, Fio da Palavra Editores, ISBN 978-989-8171-26-9.  
- Silva, António Manuel S. P.; Alves, Lara Bacelar; (2005). “Arte Rupestre Pós-Glaciário no Noroeste de Portugal” em “Arte Rupestre Pré-Histórica do Eixo Atlântico”, Eixo Atlântico.

**15: Valongo**  
**A Lousa que Adorava Viajar**

- Cleto, Joel (2014). “A guerra dos bugios e mouriscos”, Lendas do Porto, Volume III, Verso da História, ISBN 978-989-8657-83-1.
- Guimarães, Paulo Eduardo (2001). “Os mineiros na República: aspirações e derrotas”, in “Indústria e conflito no meio rural”, Publicações do Cidehus, Edições Colibri.
- Mata, Joel Silva Ferreira (2017). “Contributos para a História Económica e Social do Concelho de Valongo entre 1258 - 1835. Perspectivas”, Câmara Municipal de Valongo.
- Pinto, Manuel, et al (2016). “Bugiada e Mouriscada

**16: Vila do Conde**  
**O Milagre de Berengária**

- Anjos, Frei Luís dos (1626). “Soror Berengária” in “Jardim de Portugal”, reimpresso 1999, edição, introdução e notas de Maria de Lurdes Correia Fernandes, Campo das Letras, ISBN 978-972-610-232-8
- Barroca, Mário Jorge (2017). “Inscrições Medievais e Modernas de Vila do Conde (Séculos XV a XVII)”, Portvgalia, Nova Série, vol. 38, Porto, DCTP-FLUP, 2017, pp. 127-176, DOI: 10.21747/09714290/port38a5
- Barroca, Mário Jorge (2000). “Epigrafia Medieval Portuguesa (862-1422) – Volume II – Corpus Epigráfico Medieval Português

de Sobrado: a festa como património”, in “Património, suas Matérias e Imatérias”, Laboratório Nacional de Engenharia Civil.

- Wateau, Fabienne (2002). “Partager l’eau : Irrigation et conflits au nord-ouest du Portugal”, Éditions de la Maison des sciences de l’homme, ISBN 978-273-51097-46.

- Tomo 2”, Fundação Calouste Gulbenkian, ISBN 972-31-0869-0, <http://hdl.handle.net/10216/55736>
- Neves, Joaquim Pacheco (1980). “A Lenda da Berengária - Drama em Três Actos”, Edições Ser.
- Neves, Joaquim Pacheco (1982). “O Mosteiro de Santa Clara de Vila do Conde (Pequena Crónica dum Grande Mosteiro)”, Câmara Municipal de Vila do Conde.
- Sousa, Mónica; Costa, Valquíria (2013). “Inventário do Espólio do Mosteiro de Santa Clara”, e-vilacondense, 004 maio 2013, págs. 33-48, [https://issuu.com/vilacondense/docs/004\\_mai\\_13](https://issuu.com/vilacondense/docs/004_mai_13)

**17: Vila Nova de Gaia**  
**O Rei Ramiro e Mira Gaia**

- Cleto, Joel (2010). “Rei Ramiro e Mira... gaia”, Lendas do Porto, Volume I, Verso da História, ISBN 978-989-628-216-5.  
- Garrett, Almeida (1999). “Miragaia” em “Almeida Garrett: no bicentenário do seu nascimento”, Edição facsimilada Câmara Municipal de Vila Nova

de Gaia, págs. 94-163, ISBN 972-582-034-7.

- tradicional (2006). “Lenda do Rei Ramiro”, Blog Lendas de História e Outras, <http://web.archive.org/web/20190101165607/https://tradicional3.blogs.sapo.pt/6188.html>

- Pinho Leal, Augusto Soares

d’Azevedo Barbosa de (2006), “Viseu (Lenda de D. Ramiro)”, em “Portugal Antigo e Moderno”, Tomo XII, Livraria Editora Tavares Cardoso & Irmão, <http://www.lendarium.org/narrative/viseu-lenda-de-d-ramiro/>